

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

VANESSA TONON CALDERELLI WINKLER

**IMAGINÁRIOS COLETIVOS DE MULHERES JOVENS SOBRE TORNAR-SE
ADULTA**

**CAMPINAS
2019**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM PSICOLOGIA
VANESSA TONON CALDERELLI WINKLER**

**IMAGINÁRIOS COLETIVOS DE MULHERES JOVENS SOBRE TORNAR-SE
ADULTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof(a) Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg

**CAMPINAS
2019**

Ficha catalográfica elaborada por Vanessa da Silveira CRB 8/8423
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

156.32 Winkler, Vanessa Tonon Calderelli.
W775i Imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta/
Vanessa Tonon Calderelli Winkler.- Campinas: PUC-Campinas, 2019.
105f.

Orientadora: Tânia Maria José Aiello Vaisberg.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências da Vida,
Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2019.

Incluem anexos e bibliografia.

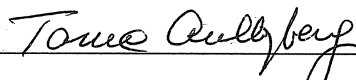
1. Imaginário. 2. Mulheres - Psicologia. 3. Psicanálise. 4. Identidade
(Psicologia). I. Vaisberg, Tânia Maria José Aiello. II. Pontifícia Universi-
dade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Programa de
Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD – 22. ed. 156.32

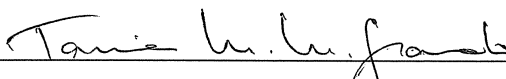
VANESSA TONON CALDERELLI WINKLER

**IMAGINÁRIOS COLETIVOS DE MULHERES
JOVENS SOBRE TORNAR-SE ADULTA**

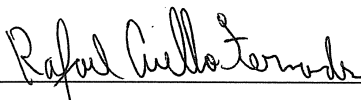
BANCA EXAMINADORA



Presidente Prof. Livre Docente Tânia M. J. Aiello Vaisberg



Prof. Dra. Tânia Mara Marques Granato



Prof. Dr. Rafael Aiello Fernandes

**PUC - CAMPINAS
2019**

Ao meu marido Bruno pela parceria na vida.

Aos meus filhos Teodoro e Giovana por iluminarem meus dias.

Aos meus pacientes por darem sentido ao meu trabalho.

Agradecimentos

Inicialmente quero expressar gratidão à minha orientadora, Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, pelo direcionamento rigoroso e sensível, pelo olhar atento e carinhoso, pelos ensinamentos e pela paciência que tornaram este trabalho possível. Sempre lembrarei que coexistimos e crescemos.

Manifesto também meu reconhecimento aos colegas do Grupo de Pesquisa, pela amizade e parceria, destacando os nomes de Natália Del Ponte de Assis, Carlos Visintin, Rafael Aiello-Vaisberg, Gisele Inacarato, Andréia de Almeida Schulte e Suelli Gallo-Belluzzo, que me acolheram e me acompanharam nesta caminhada.

Lembro aqui da querida Karen Grubert Rojas, pela rápida e significativa amizade que estabelecemos. É impossível ouvir Elza Soares sem evocar a sua memória.

Considero também indispensável comunicar meu muito obrigada às professoras Tânia Mara Marques Granato e Elisa Corbett pelas relevantes considerações durante o exame de qualificação.

Sou grata às funcionárias da Secretaria do Programa pelo suporte e acolhimento.

Finalmente, o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, instituição pela qual presto meu reconhecimento.

Resumo

Winkler, V. T. C. Imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas.

Com o objetivo de investigar imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta, o presente trabalho justifica-se pelo fato desta transição apresentar, na atualidade, desafios capazes de gerar sofrimentos que motivam demandas clínicas significativas. A pesquisa está organizada metodologicamente como qualitativa com método psicanalítico, operacionalizado em termos de procedimentos investigativos de levantamento, seleção, registro e interpretação de comunicações pessoais disponibilizadas no *YouTube*. A observação de critérios de busca e seleção previamente definidos resultou em sete vídeos, cujos áudios foram transcritos. A consideração conjunta de tais comunicações permite a produção interpretativa de dois campos de sentido afetivo-emocional: “Manual para ser mulher” e “Do paraíso à infelicidade”. O quadro geral indica que, no registro imaginário, a transição da mulher para a vida adulta se dá, nas classes médias, quando atinge condição financeira suficiente para deixar o domicílio paterno, como um processo duplicado – um consiste em elaborar a necessidade de abrir mão dos cuidados providos de figuras parentais, sendo comum a ambos os sexos; o outro corresponde à tarefa especificamente feminina de submeter-se a regras e normas, socialmente estabelecidas, com vistas a obter aprovação e reconhecimento. Pode-se concluir que prevalece uma concepção imaginativa conservadora na transição da mulher para a vida adulta.

Palavras-chave: imaginários coletivos, mulheres, transição para a vida adulta, psicologia, psicanálise, gênero.

Abstract

Winkler, V. T. C. (2019). *Collective imaginary of young women about becoming adult*. 105 f. Dissertation (Psychology Master's Degree) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas.

In order to investigate the collective imaginary of young women about becoming adult, the present study is justified by the fact that this transition presents, nowadays, challenges capable of generating sufferings that motivate significant clinical demands. Methodologically structured as a qualitative research and organized around the use of psychoanalytical method, this essay is operationalized in terms of investigative procedures of material collection, selection, register and interpretation from personal communications available on *YouTube*. The consideration of previously defined search and selection criteria leads to a sum of seven videos, whose audios have been transcribed. The consideration of these communications allows us the interpretative production of two affective-emotional fields named “Manual to be woman” and “From Paradise to unhappiness”. The overall frame indicates that, in the imaginary register, the woman's transition to adulthood is conceived, in the middle classes, when she can reach the financial condition that allows her to leave the parent's house, as a double process – one is to elaborate the need to give up the care provided by parental figures, being common to both sexes; the other corresponds to the specifically feminine task of submitting herself to social established rules and norms to get approval and recognition. It can be concluded that a conservative imaginative conception prevails in women's transition to adulthood.

Keywords: collective imaginaries, women, transition to adulthood, psychology, psychoanalysis, gender.

Sumário

Apresentação	9
Capítulo 1 Problema de pesquisa: a transição para a vida adulta e a questão de gênero.....	12
Capítulo 2 Transição para a vida adulta da mulher: diálogo crítico com a literatura científica.....	19
Capítulo 3 Estratégias metodológicas.....	35
Capítulo 4 Material de pesquisa.....	44
Capítulo 5 Interpretações e interlocuções reflexivas.....	65
Referências bibliográficas	88
Apêndice	103

Apresentação

A experiência clínica, de âmbito privado e institucional, adquirida a partir do atendimento a jovens universitários, motivou o presente estudo acerca do processo de transição para a vida adulta da mulher, com foco na dimensão afetivo-emocional desse fenômeno, situando-o não apenas nos campos vinculares em que ocorre, mas também nos contextos macrosociais em que se inserem.

Com fundamentação científica rigorosa e realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), esse trabalho pautou-se pela busca de informações sobre posicionamentos teórico-metodológicos, com preferência por abordagens concretas e próximas do drama vivido pelos pacientes. Para tanto, contou com a orientação da Professora Livre Docente Tânia Maria José Aiello-Vaisberg, uma das líderes do Grupo de Pesquisa Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção.

O contato com produções prévias desenvolvidas pelos integrantes do Grupo de Pesquisa, majoritariamente relacionadas a sofrimentos sociais vinculados à questão de gênero – maternidade, adolescência feminina e violência doméstica, por exemplo – influenciou e incentivou a definição do objetivo desta pesquisa, qual seja encontrar uma articulação entre a transição para a fase adulta e a condição de vida da mulher na atualidade a partir da investigação dos imaginários coletivos de jovens.

Exploramos os imaginários coletivos a partir de material disponível na internet, a exemplo de outros trabalhos recentes realizados por colegas (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2017, 2018), explorando, desta vez, conteúdo do canal *YouTube*, que revelariam achados interessantes sobre imaginários coletivos. Essa estratégia permite a compreensão de vários fenômenos de interesse da pesquisa psicológica pela natureza da livre iniciativa de manifestações via *web*, e se diferencia

das também eficazes alternativas de convites para entrevistas e da procura de pacientes por atendimento.

Após esta breve apresentação acerca dos propósitos, expomos, a seguir, a ordem dos capítulos que compõem o presente volume.

O primeiro capítulo “A transição para a vida adulta e a questão de gênero como problema de pesquisa” apresenta o problema de pesquisa que consiste na investigação do sofrimento feminino socialmente determinado durante a transição para a vida adulta. Segundo a perspectiva da psicologia concreta, o acontecer humano, tal qual a transição para a vida adulta, ocorre de maneira gendrada e adquire reflexos sensivelmente distintos de acordo com a classe social, em especial para a mulher jovem.

O segundo capítulo “Transição para a vida adulta da mulher: diálogo crítico com a literatura científica” traz um levantamento da bibliografia sobre a percepção do processo de transição para a vida adulta e a questão de gênero. Considerando o viés da psicologia concreta que adverte contra pensar a transição para a vida adulta como processo natural, abstrato e isolado das condições concretas do viver, estabelecemos um diálogo a respeito de temáticas e fatos relevantes, tecendo comentários sobre os paradigmas epistemológicos encontrados nos artigos consultados. Devido aos contextos macrossociais, é preciso considerar diferentes configurações em nosso país segundo a classe social e o gênero.

No terceiro capítulo, apresentamos as estratégias metodológicas que vêm sendo desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa, divididas em três partes, conforme prática consagrada entre nós: 1) considerações sobre o uso do método psicanalítico concreto (Bleger, 1963, 2007) na pesquisa qualitativa, com o cuidado de mostrar como associação livre e atenção flutuante geram um tipo de teorização bastante peculiar que difere e se opõe à metapsicologia clássica, resultando em uma perspectiva dramática e narrativa que corresponde a uma possibilidade de adesão ao paradigma relacional (Greenberg & Mitchell, 1983, 1994), articulado à valorização

dos contextos macrossociais; 2) definição dos três conceitos fundamentais às formulações teóricas da psicologia concreta: conduta, imaginários coletivos e campos de sentido afetivo-emocional; 3) descrição dos quatro tipos de procedimentos investigativos utilizados na operacionalização do método psicanalítico, a saber: procedimento investigativo de levantamento e seleção do material; procedimento investigativo de registro; procedimento de interpretação do campo de sentido afetivo-emocional e procedimento investigativo de interlocuções reflexivas.

No quarto capítulo, apresentamos as transcrições dos vídeos selecionados no *YouTube*, que constituem o material desta pesquisa. Cabe esclarecer que, uma vez que o objetivo é o estudo de imaginários coletivos, buscamos analisar uma personalidade coletiva, a “mulher jovem” ou “em transição para a vida adulta”, e não a intimidade individual das *youtubers*. Admitimos, de acordo com Bleger (1963, 2007), que toda pessoa é, inevitável e simultaneamente, individual e social, ou seja, quando atendemos um paciente, individualmente ou em enquadre grupal, interessamo-nos pela singularidade e personalidade que ele pode expressar e representar ao participar de vários grupos sociais.

No quinto e último capítulo, realizamos as interpretações e interlocuções reflexivas do material de pesquisa, dividindo-as em duas partes: a) apresentação dos campos de sentido afetivo-emocional “Manual para ser Mulher” e “Do paraíso à infelicidade”, produzidos interpretativamente a partir das impressões transferenciais vividas no encontro com os vídeos; b) em atendimento ao procedimento investigativo de interlocuções reflexivas, que consiste em um processo de reflexão sobre os campos à luz da contribuição de outros autores sobre as questões dramático-existenciais que neles se expressam, apresentamos os resultados que correspondem às nossas interpretações, e não ao material em si.

Capítulo 1

A transição para a vida adulta e a questão de gênero como problema de pesquisa

O objetivo do presente trabalho é investigar imaginários coletivos de mulheres jovens sobre a transição para a vida adulta. Tal delimitação deriva de um problema de pesquisa mais amplo observado na clínica privada e institucional, especialmente naquela voltada ao atendimento de universitários, relativo a sofrimentos emocionais enfrentados por mulheres durante a juventude.

Este capítulo está organizado em três seções. A primeira traz a apresentação propriamente dita do problema de pesquisa; já as seguintes abordam dois conceitos que nortearam nosso pensamento – sofrimento social e interseccionalidade –, respectivamente focalizados na segunda e terceira partes do capítulo.

Apresentando o problema de pesquisa

Nossa experiência profissional indica que jovens, especialmente universitários, de ambos os sexos, têm buscado atendimento psicológico a partir da apresentação de queixas que geralmente abrangem a necessidade de lidar com exigências advindas de novas configurações interpessoais, laborais e familiares (Campos, 2016; Oliveira, 2009; Neves & Dalgarrondo, 2007; Xavier, Nunes, & Santos, 2008). Contudo, no exercício clínico cotidiano, e sensibilizadas por um olhar que valoriza a dimensão concreta do viver humano, percebemos que a condição de gênero exerce importante papel no modo como a transição para a vida adulta efetivamente acontece.

Quando reconhecemos que a vida social é fortemente marcada, no mundo contemporâneo, por questões de gênero, salientamos que, na prática clínica, dramas se configuram diferentemente se estamos diante de um pai ou de uma mãe, de um adolescente ou

de uma adolescente, de um idoso ou de uma idosa, de um viúvo ou de uma viúva. Assim, o acontecer humano, tal como a transição para a vida adulta, ocorre de modo distinto para o homem e para a mulher, em especial para a jovem mulher. Portanto, concordamos em apontar que homens e mulheres são atingidos e sofrem emocionalmente por diferentes motivos (Zanello, 2018; Zanello & Sileva, 2012).

Essa situação fica evidenciada quando atendimentos clínicos revelam a inquietação de mulheres jovens que, diante de situações de desigualdade de gênero, declaram-se pouco inclinadas a renunciar aos próprios anseios e necessidades para atender exigências familiares como teriam feito, a seu ver, suas próprias mães. Há, por exemplo, mulheres que, mesmo angustiadas, demoram a se dar conta de que vivenciam relacionamentos abusivos, enquanto outras se sentem inseguras em suas atividades laborais por não serem reconhecidas e valorizadas ou enfrentam pesadas humilhações no exercício de suas profissões predominantemente masculinas. Tais exemplos anunciam quão complexa e multifacetada é a vida contemporânea, na medida em que nela parecem coexistir padrões relacionais conservadores, que têm mantido a mulher numa condição de recorrente submissão, bastante similar às suportadas por gerações precedentes, e tendências no sentido de mudanças significativas, a partir de questionamentos que se enraízam na experiência cotidiana.

Entretanto, esclarecemos que, ainda que interessadas academicamente na vida feminina, não deixamos de reconhecer, a partir de nossa prática clínica, que também os homens são atingidos por sofrimentos sociais. Observamos que situações de crise enfrentadas por homens jovens, no momento da transição para a vida adulta, estão relacionadas ao questionamento de padrões conservadores vivenciados como cristalizados e referidos pela evocação de figuras como o pai provedor, o homem arrimo de família, o macho alfa e o homem bem-sucedido, entre outros.

Rechaçamos, portanto, posicionamentos ingênuos segundo os quais seria possível considerar confortável a condição masculina enquanto mulheres vivenciam discriminações e opressões. Assim, ao considerar que adultos – homens e mulheres – sofrem sob a vigência de relações de gênero, entendemos que eles provavelmente assistirão a crises nos períodos que antecedem a adulez, embora a sociedade cultive valores de proteção à infância, mesmo com dificuldade em colocá-los em prática.

O conceito de sofrimentos sociais na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta

A adoção da perspectiva da psicologia psicanalítica concreta (Bleger, 1963/2007; Politzer, 1928/2004) demanda que a investigação de problemas psicológicos seja sempre realizada à luz dos contextos macrossociais em que se inserem (Sas, 2002; 2004). Embora múltiplos, abrangendo condições sociais, econômicas, culturais, religiosas e geopolíticas, dependendo de situações específicas, alguns tipos de contexto podem prevalecer.

Uma vez que nosso problema de pesquisa está formulado em termos da relação entre gênero e sofrimento social, sobretudo com interesse pelo sofrimento de mulheres em transição para a vida adulta, além de vivermos num país em que as desigualdades socioeconômicas são consideradas abissais (Singer, 2011), destacamos que a condição classe social provavelmente interfira de modo expressivo na vida feminina, ainda que saibamos que a opressão contra a mulher atravessa classes, como evidencia a literatura derivada da pesquisa feminista, e é afetada pelo modo capitalista de organização da vida social (Palar & Silva, 2018).

A complexa definição de classe social perpassa perspectivas econômicas e sociológicas, mas consideraremos aqui os efeitos subjetivos da pobreza e da desigualdade, na medida em que geram sentimentos de desamparo, humilhação e injustiça (Renault, 2010). Para efeitos das nossas questões de interesse, parece-nos suficiente adotar as expressões

“pobres” e “ricos” aparentemente mais simples, ainda que rigorosas, como as propostas por Singer (2011) e Souza (2009) para distinguir classes médias e classes subalternas brasileiras.

Quando nos propusemos a focalizar sofrimentos sociais de mulheres no contexto da transição para a vida adulta, encontramos, na literatura científica recente em ciências sociais¹, autores preocupados com a articulação entre questões de gênero e classe social (Dávila & Ghiardo, 2012; Guerreiro & Abrantes, 2005; Aparício-Castillo, 2013; Ribeiro, 2014; Vieira, 2008; Vieira et al., 2017). Tais estudos indicam que, em nosso país, as jovens de classe média, que têm mais acesso a estudos e empregos, alcançarão mais facilmente posicionamentos autônomos que lhes permitirão fazer escolhas com mais liberdade pessoal, diversamente daquelas provenientes de meios desfavorecidos, que provavelmente ficarão restritas, no mundo laboral, a assumir atividades menos qualificadas e pior remuneradas. Esse quadro nos alerta para o fato de que, preocupadas com a relação entre transição para a vida adulta e gênero, provavelmente nos defrontaremos com questões relativas à classe social.

Dadas as profundas e reconhecidas desigualdades socioeconômicas de nosso país (Souza, 2009), bem como à histórica negação do racismo (Aiello-Fernandes, 2018), tendemos a associar o conceito de sofrimento social a sofrimentos emocionais ligados especificamente à pobreza. Contudo, como veremos, a noção de sofrimento social não coincide exclusivamente com a questão da miséria, da pobreza e da desigualdade, embora essa dimensão seja altamente relevante, na medida em que tem sido usada, na pesquisa, para referir efeitos subjetivos também da guerra, do racismo, da perseguição religiosa, da perseguição política, da tortura, da opressão feminina, entre outros.

Ambrosio, Aiello-Fernandes e Aiello-Vaisberg (2013) reconhecem que, para efeitos de clareza, valha a pena destacar a expressão sofrimentos sociais em termos de sentido restrito e sentido amplo. O conceito de sofrimento social é usado segundo uma acepção mais restrita

¹ Vide segundo capítulo dessa dissertação, não encontramos, na literatura psicológica a que tivemos acesso, uma consideração suficiente à questão.

² A base de dados SciELO.org funciona desde 1997. O levantamento foi realizado em outubro de 2018.

por autores como Kleiman, Das e Lock (1997), Bourdieu (1998), Renault (2010) e Dejours (2014), para referir a uma determinação social mais aparente de sofrimento emocional, segundo condições já enumeradas no parágrafo anterior. Por outro lado, todos os sofrimentos seriam sociais, numa acepção ampliada, uma vez que o ser humano é fundamentalmente social (Bleger, 1963/2007). De fato, se consideramos a existência humana como coexistência, os sofrimentos emocionais resultariam de condições concretas contrárias a convivências solidárias e respeitadas, próprias ao reconhecimento da humanidade do Outro (Lévinas, 1972). Entretanto, Ambrosio, Aiello-Fernandes e Aiello-Vaisberg (2013) avançam na definição do conceito enquanto recurso capaz de uma articulação mais integrada dos registros subjetivos e das condições sociais ao destacarem que seriam sofrimentos sociais todos os padecimentos ocorridos em contextos de opressão, discriminação e exclusão que favorecem experiências de despersonalização determinadas por interações desumanizadoras.

Assim, parece-nos importante esclarecer que abordamos a passagem para a vida adulta da mulher, na atualidade brasileira, por meio do uso do conceito de sofrimento social, tomado em seu sentido amplo, condizente com os postulados da psicologia psicanalítica concreta, bem como em seu sentido restrito, condizente com o reconhecimento de que as mulheres têm sido vítimas de opressão e discriminação social, conforme trabalhos do nosso grupo de pesquisa (Corbett, 2014; Visintin, 2016; Schulte, 2016; Assis, 2014, 2019)

O conceito de interseccionalidade

Considerando o contexto brasileiro de significativa diversidade cultural, é fundamental, para nosso estudo, atentar para as interseccionalidades entre gênero, raça, classe social e idade. Em um contexto de combate ao racismo, Crenshaw (2012) estabelece o conceito de interseccionalidade ao abordar diferenças dentro da diferença a fim de compreender que distinções entre raça e gênero não produzem grupos distintos, mas

sobrepostos, e acaba por inaugurar uma nova perspectiva – que tem se revelado bastante frutífera – no campo do estudo dos sofrimentos sociais.

Mesmo que o conceito de interseccionalidade não esteja explícito em pesquisas sobre variadas formas de opressão relacionadas a questões de gênero (Sousa, 2017; Costa, Grossi, & Macarro, 2017; Brancaglioni & Fonseca, 2016; Stocker & Dalmaso, 2016; Das, 2007; Formiga, 2007; Bartky, 1990, 2002) ou a períodos do ciclo vital, como adolescência (Assis, Aiello-Fernandes, & Aiello-Vaisberg, 2016; Assis et al., 2016; Tachibana et al., 2015; Botelho-Borges, Barcelos, & Aiello-Vaisberg, 2013; Montezi et al., 2011; Montezi et al., 2013; Pontes, 2011), envelhecimento (Goldani, 2010), racismo ou gênero (Crenshaw, 2012; Gonzáles, 1988, 1983; Hooks, 1995; Aiello-Fernandes et al., 2016; Aiello-Fernandes et al. 2014; Gonçalves & Branco, 2011; Muraro, 1991), o fenômeno interseccional está presente na medida em que certas desvantagens, como ser mulher, pobre e negra, por exemplo, podem estar superpostas na mesma pessoa. Portanto, atentamos à interseccionalidade desde a formulação do problema de pesquisa, evitando pensar a transição para a vida adulta como um processo abstrato levemente afetado pelo gênero, mas reconhecê-la como experiência fortemente atrelada ao contexto da vida feminina ou masculina. Além disso, o conceito de interseccionalidade pode ter valor heurístico ao contribuir para que o pesquisador perceba outras revelações sobre condições que poderiam passar despercebidas à primeira vista.

Assim, finalizamos esse capítulo introdutório reafirmando nosso objetivo de pesquisar imaginários coletivos da mulher jovem sobre a transição para a vida adulta a partir do interesse em sofrimentos vivenciados pela mulher na contemporaneidade. A concepção do trabalho, como pesquisa qualitativa com método psicanalítico, manejado a partir da psicologia psicanalítica concreta, demanda-nos evitar abstracionismos, estimulando-nos a considerar essa transição como fenômeno gendrado, de modo a supor uma interseccionalidade específica entre fase do ciclo de vida e gênero, sobre a qual incidem determinações sociais que podem

provocar efeitos subjetivos significativos. Assim, iniciamos a exposição não apenas pela apresentação do objetivo, recortado do problema de pesquisa, mas incluímos, neste primeiro capítulo, seções sobre os conceitos de sofrimentos sociais e interseccionalidade.

Capítulo 2

Transição para a vida adulta da mulher: diálogo crítico com a literatura científica

Ao preocupar-nos com o sofrimento feminino na transição para a vida adulta como problema desta pesquisa, delimitamos o objetivo em estudar o imaginário coletivo da mulher jovem sobre tornar-se adulta. Neste capítulo, propomos um diálogo com os artigos científicos publicados sobre a transição para a vida adulta da mulher pautado numa questão norteadora: como este tema vem sendo pesquisado pelas ciências, no âmbito das publicações mais acessíveis ao público brasileiro?

Para responder a esta pergunta, realizamos revisão bibliográfica pela SciELO (Scientific Electronic Library *On-line*)², uma base de dados reconhecida no meio científico por abranger diversas áreas do saber e por seguir uma política de facilitação de acesso às produções científicas em caráter transdisciplinar, disponibilizando artigos de forma gratuita e integral.

Na primeira parte deste capítulo, demonstramos como se deu o levantamento dos artigos, apresentando-os segundo os descritores utilizados num total de três buscas, e organizando a análise a partir das dimensões que estruturam a comunicação de investigações científicas. Na segunda parte, discorremos sobre as tendências observadas e os pontos que nos pareceram relevantes. As conclusões formuladas a partir desse trabalho com a literatura estão na terceira parte, além de comentários sobre os paradigmas epistemológicos e considerações acerca da psicologia concreta.

² A base de dados SciELO.org funciona desde 1997. O levantamento foi realizado em outubro de 2018.

Levantamento dos artigos

O levantamento dos artigos deu-se via base de dados a partir de três buscas, que serão detalhadas abaixo, resultando em 17 artigos, sendo 1 deles comum a todas as buscas.

Tabela 1

Número de artigos em levantamentos realizados na base Scielo.org divididos por descritores

Descritores	Número de Artigos
Transição para a vida adulta <i>and</i> psicologia <i>and</i> gênero	1
Transição para a vida adulta <i>and</i> psicologia	8
Transição para a vida adulta <i>and</i> gênero	8
Total	17

Excluindo-se as duplicatas, consideramos o total de 15 artigos selecionados para a realização deste estudo, conforme Tabela 2.

Tabela 2

Registro, autores e títulos dos artigos encontrados

Artigo	Autor e Ano	Título
A1	Carvalho-Barreto (2013)	A parentalidade no ciclo de vida
A2	Dutra-Thomé et al. (2017)	Fatores protetivos e de risco na transição para a vida adulta nas cinco regiões brasileiras
A3	Grandino (2016)	Práticas de risco entre os jovens: estudo preliminar sobre condutas ordálicas
A4	Mattos (2016)	A mediação semiótica da “responsabilidade”: um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta
A5	Moreira, Rodrigues & Manzolli (1996)	Transições relatadas por mulher adulta: subsídios ao modelo de adaptação humana de Schlossberg
A6	Ponciano & Feres-Carneiro (2014)	Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia
A7	Kublikowski & Rodrigues (2016)	“Gerações Canguru”: novos contextos, novas experiências
A8	Brandão, Saraiva, & Matos (2012)	O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro
A9	Vieira et al. (2017)	Gravidez na adolescência e transição para a vida adulta em jovens usuários do SUS
A10	Ribeiro (2014)	Desigualdades nas transições para uma vida adulta no Brasil (1996 e 2008)
A11	Aparício-Castillo (2013)	Educar e trabalhar em contextos de precariedade e desigualdade na América Latina. Jovens em Debate

A12	Vieira (2008)	Transição para a vida adulta no Brasil: análise comparada entre 1970 e 2000
A13	Scott (2001)	Quase adulta, quase velha: por que antecipar as fases do ciclo vital?
A14	Dávila & Ghiardo (2012)	Transições para a vida adulta: gerações e mudanças sociais no Chile na última década
A15	Guerreiro & Abrantes (2005)	Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada

A primeira busca, feita a partir da combinação dos descritores “Transição para a vida adulta” e “gênero” e “psicologia”, aparentemente fáceis de se articular no plano dos fenômenos e dos interesses da área científica da psicologia, resultou num único artigo, aqui registrado como A1, de autoria de Carvalho-Barreto (2013), comum a todas as buscas. Chamamos a atenção para a inclusão da produção A1, em função da repetição, em mais de uma tabela, para facilitar a leitura.

Tabela 3

Objetivo, base utilizada na revisão metodológica e contribuições fundamentais dos trabalhos de revisão sobre a transição para a vida adulta e psicologia

Artigo	Autor e Ano	Objetivo	Bases Utilizadas na Revisão Metodológica	Contribuições Fundamentais
A1	Carvalho-Barreto (2013)	Discutir produções acadêmicas brasileiras sobre o processo de transição para a parentalidade	SciELO, Index e Pepsic	Identificação de que a psicologia busca alternativas para a compreensão do desenvolvimento adulto por meio de estudos sobre a parentalidade na transição de vida

Em relação à segunda busca, “transição para a vida adulta” e “psicologia”, obtivemos como resultado oito artigos, apresentados nas Tabelas 4 e 5.

A seguir, na Tabela 4, demonstramos os objetivos, metodologia e principais resultados dos artigos empíricos.

Tabela 4

Objetivo, metodologia e resultados dos trabalhos empíricos sobre a transição para a vida adulta e psicologia

Artigo	Autor Ano	Objetivo	Metodologia	Resultados
A2	Dutra-Thomé et al. (2017)	Investigar a associação dos fatores de proteção e risco com a autoestima e autoeficácia na transição para a vida adulta	Pesquisa quantitativa	Identificação de que o suporte da família e das instituições de ensino pode configurar-se como fator de proteção, promovendo a autoeficácia e a autoestima dos jovens
A3	Grandino (2016)	Investigar o sentido das práticas de risco durante a transição para a vida adulta	Pesquisa quantitativa	Identificação de que práticas de risco durante a transição para a vida adulta podem ser evidência de um mal-estar da juventude diante do um mundo adulto percebido como hostil
A4	Mattos (2016)	Investigar a formação de valores na transição para a vida adulta	Pesquisa qualitativa	Identificação de que o valor da responsabilidade é construído por interações sociais que possibilitam a emergência de novos sentidos afetivos na transição para a vida adulta
A5	Moreira, Rodrigues, & Manzolli (1996)	Investigar sobre crises e transições da vida de uma mulher de 42 anos	Pesquisa qualitativa	Identificação de que a adulta conseguiu superar crises e adaptações por meio de recursos pessoais
A6	Ponciano & Feres-Carneiro (2014)	Investigar a experiência de pais cujos filhos se encontram em transição para a vida adulta	Pesquisa qualitativa	Identificação de que, de acordo com a experiência dos pais com filhos em transição para a vida adulta, relativizar a hierarquia familiar pode favorecer uma participação mais ativa no cuidado dos filhos

Já a Tabela 5 apresenta os artigos de revisão com seus objetivos, base utilizada na revisão metodológica e as contribuições fundamentais de seus achados.

Tabela 5

Objetivo, base utilizada na revisão metodológica e contribuições fundamentais dos trabalhos de revisão sobre a transição para a vida adulta e psicologia

Artigo	Autor e Ano	Objetivo	Bases Utilizadas na Revisão Metodológica	Contribuições Fundamentais
A1	Carvalho-Barreto (2013)	Discutir produções acadêmicas brasileiras sobre	SciELO, IndexPsi e Pepsic	Identificação de que a psicologia busca alternativas para a compreensão do

			o processo de transição para a parentalidade		desenvolvimento adulto através de estudos sobre a parentalidade na transição de vida
A7	Kublikowski & Rodrigues (2016)		Discutir produções acadêmicas nos últimos 25 anos sobre a permanência de filhos adultos em domicílio familiar	Google Academic e SciELO	Identificação de que o reconhecimento das múltiplas experiências na transição para a vida adulta contribui para evitar a estigmatização dos jovens e de suas famílias
A8	Brandão, Saraiva, & Matos (2012)		Discutir as semelhanças e diferenças na transição para a vida adulta, estabelecendo um comparativo entre a realidade brasileira e a portuguesa	Não informado	Identificação de que o prolongamento da transição para a vida adulta se deve às mudanças no sistema educacional e laboral e nas transformações na esfera da vida privada

A seguir apresentamos os oito artigos resultantes da terceira busca, “transição para a vida adulta” e “gênero”. As cinco produções empíricas estão organizadas em termos de objetivo, metodologia, área de conhecimento e principais resultados.

Tabela 6

Objetivo, metodologia, área do conhecimento e principais resultados dos trabalhos empíricos sobre a transição para a vida adulta e gênero

Artigo	Autor e Ano	Objetivo	Metodologia	Área do Conhecimento	Resultados Principais
A9	Vieira et al. (2017)	Investigar gestação e transição para a vida adulta	Pesquisa quantitativa e qualitativa	Saúde Coletiva	Identificação de um padrão de tutela masculino, nas classes baixas. A mudança do papel da mulher na sociedade que implica escolher por uma carreira profissional, definir número de filhos e o(s) parceiro(s) não chegou à parcela destas jovens
A10	Ribeiro (2014)	Investigar desigualdades sociais na	Pesquisa quantitativa e qualitativa	Ciências Sociais	Identificação da diminuição das

		transição para a vida adulta			desigualdades de classe, de origem, de gênero, entre áreas urbanas e rurais, nos últimos 30 anos. Embora diminuídas, as desigualdades permanecem moldando distintos padrões de transição para a vida adulta, no Brasil
A11	Aparício-Castillo (2013)	Investigar condição de jovens adultos e desigualdade social	Pesquisa quantitativa e qualitativa	Ciências Sociais	Identificação da insuficiência de reflexão e apoio nas estratégias de desenvolvimento para jovens em transição para a vida adulta, apesar de serem reconhecidas as pluralidades e complexidades inerentes às situações socioeconômicas, culturais, de gênero e habitacionais
A12	Vieira (2008)	Investigar a transição para a vida adulta	Pesquisa quantitativa	Demográfica	Identificação de desigualdades nos marcos temporais e na extensão para a vida adulta de jovens de diferentes estratos de renda, segundo o sexo
A13	Scott (2001)	Investigar desigualdades sociais na transição para a vida adulta	Pesquisa qualitativa	Ciências Sociais	Identificação de uma condição de limiaridade geracional, própria dos ritos de passagem, e de processos de desritualização e re-ritualização da sociedade contemporânea

A Tabela 7, a seguir, exhibe os três artigos teóricos com objetivo, área de conhecimento e contribuições fundamentais de seus achados. Vale destacar a repetição da publicação que surgiu em todas as buscas, registrada como A1.

Tabela 7

Objetivo, área do conhecimento e contribuições fundamentais sobre os artigos teóricos sobre transição para a vida adulta e gênero

Artigo	Autor e Ano	Objetivo	Área do	Contribuições Fundamentais
---------------	--------------------	-----------------	----------------	-----------------------------------

Conhecimento				
A1	Carvalho-Barreto (2013)	Discutir produções acadêmicas brasileiras sobre o processo de transição para a parentalidade	Psicologia	Identificação de que a psicologia busca alternativas para a compreensão do desenvolvimento adulto através de estudos sobre a parentalidade na transição de vida
A14	Dávila & Ghiardo (2012)	Investigar transição para a vida adulta	Ciências Sociais	Identificação de diferenças nos modos em que os processos de transição são articulados para a vida adulta, dependendo da posição social e do núcleo de gerações, com diferenças entre gerações de acordo com o nível socioeconômico de gênero e família
A15	Guerreiro & Abrantes (2005)	Investigar transição para a vida adulta	Ciências Sociais	Identificação de certos padrões de transição para a vida adulta a partir de quatro dimensões fundamentais: educação, trabalho, família e gênero

Tendências observadas

Apenas o artigo de Carvalho-Barreto (2013) foi encontrado a partir dos três descritores de busca, “Transição para a vida adulta” e “gênero” e “psicologia”, enquanto outras 14 produções focalizaram a transição para a vida adulta, ora vinculando-a a gênero, ora desvinculando-a de gênero. Esse quadro suscita um importante questionamento ao indicar certa dificuldade, da parte dos pesquisadores da psicologia, em valorizar diferenças concretas existentes entre a trajetória de vida de homens e mulheres em nossa sociedade. Na verdade,

surpreende a prevalência, no campo da psicologia, da tendência em considerar a transição para a vida adulta de modo abstraído em relação ao gênero, uma vez que psicólogos reconhecem, em termos práticos e teóricos, que o gênero afeta sensivelmente a vida das pessoas.

Como vimos, A1 é um artigo de revisão, no qual a transição para a vida adulta figura no contexto do estudo da parentalidade. Carvalho-Barreto (2013) trabalhou com um total de 32 artigos, obtidos a partir de buscas com as palavras “parentalidade” e “*parenthood*” nas bases SciElo, Pepsic e IndexPsi. Por meio de análise temática, identificou as seguintes linhas de pesquisa sob as quais tais produções se inscreviam, em ordem de quantidade de produções: parentalidade e transição de vida, relação de gênero na parentalidade, parentalidade em contextos adversos, parentalidade na adoção e parentalidade homoafetiva.

Por este artigo ser único, em sua categoria, mas referir-se a um número relativamente alto de produções, procedemos ao exame de todas as produções aí revisadas e constatamos que o descritor transição para a vida adulta não consta em nenhuma delas, embora esse período de vida seja manifestamente abordado em quatro artigos. Além disso, apenas três artigos usam o termo gênero, embora aqueles que focalizam a maternidade ou a relação mãe-filho não considerem a condição de gênero relevante³. Surpreendemo-nos mais uma vez com a dissociação entre parentalidade e gênero quando lembramos as diferenças prevalentes, em nossa sociedade, quanto à paternidade e à maternidade.

Como vimos, os demais artigos da área da psicologia, apresentados nas tabelas 4 e 5, concentram-se na questão da transição para a vida adulta sem articulá-la às questões de gênero, vale dizer, sem recortar um aspecto da vida individual e social que, a nosso ver, é determinante nos rumos e percursos do indivíduo, na medida em que, malgrado os

³ O Apêndice traz uma tabela na qual registramos as palavras-chave dos 32 artigos que compõem a revisão de A1 (Carvalho-Barreto, 2013).

movimentos sociais de defesa das mulheres, vigora ainda uma divisão de tarefas que onera sobretudo a vida feminina.

Alguns desses artigos preocupam-se com problemas que podem afetar o jovem adulto, buscando identificar fatores de proteção e prevenção de riscos. Nessa linha se incluem, por exemplo, as produções A2 e A3 (Dutra-Thomé, 2017; Grandino, 2016), em que a vinculação com a escola e a família seria a melhor forma de manutenção de uma vida saudável. Entretanto, tais produções estranhamente não atêm a diferenças de gênero, tampouco aos contextos sociais em que os jovens estão inseridos.

Nos estudos A4 e A5 da área da psicologia, deparamo-nos com uma ideia do tornar-se adulto concebida a partir da adoção de um sistema de valores e responsabilidades pelo jovem, em detrimento do cumprimento de exigências sociais amparadas nos marcos da vida adulta (Mattos, 2016; Moreira, Rodrigues, & Manzolli, 1996). Trata-se, portanto, de uma visão um tanto abstrata e até mesmo cartesiana, como se o indivíduo se resumisse a um cogito não encarnado, nem inserido em condições concretas de vida e em contextos macrossociais.

Enfim, percebemos nestes trabalhos da área da psicologia uma tendência a situar a transição para a vida adulta como fenômeno individual, e não como acontecimento humano que transcorre em campos relacionais e contextos macrossociais, desconsiderando inclusive a condição de gênero, o que pode contribuir para a manutenção de posicionamentos conservadores, no âmbito dos quais a realidade externa é vista apenas como representação e o vivido concreto é negado, e ainda impor o risco de negligência ao sofrimento emocional, socialmente determinado, frequentemente observado na transição para a vida adulta.

Por outro lado, os resultados A6, A7 e A8 da mesma busca (Ponciano & Feres-Carneiro, 2014; Kublikowski & Rodrigues, 2016; Brandão, Saraiva, & Matos, 2012), apesar de não considerarem o gênero, atentam para os contextos sociais, evitando tendência de objetivação e abstração no estudo da experiência de transição para a vida adulta. Outrossim,

apontam que o casamento, a paternidade, a maternidade e o emprego vêm deixando de ser as principais referências de jovens brasileiros, além da verificação de um prolongamento da dependência em relação aos seus pais, que se associa a transformações sociais, laborais, educacionais e familiares. Em conjunto, tais produções indicam que visões mais tradicionais sobre o ser adulto estão sendo relativizadas e transformadas.

Os artigos de revisão da área da psicologia registrados como A7 e A8 (Kublikowski & Rodrigues, 2016; Brandão, Saraiva, & Matos, 2012) revelam que há uma tendência em adotar critérios normativos na abordagem, por dificuldade em se reconhecer a complexidade dos contextos em que ocorre a transição, habitualmente vista como um processo de amadurecimento de um indivíduo desconectado da vida social. Os respectivos autores criticam teorias que postulam a necessidade de reconhecer uma nova fase de desenvolvimento, argumentando o provável ocultamento do risco da estigmatização e patologização de jovens adultos como eternos adolescentes, o que nos lembra antigas questões colocadas em termos de conflitos geracionais (Grun, 1993).

Os estudos relativos à terceira busca, realizada mediante a combinação dos descritores “transição para a vida adulta” e “gênero”, permitiu acesso a oito publicações, oriundas de outras áreas de conhecimento: demografia, ciências sociais e saúde coletiva, apresentadas nas tabelas 6 e 7.

Há predomínio de estudos que abordam a pesquisa da transição para a vida adulta considerando as mudanças recentes do papel da mulher na sociedade, considerando classe social, vida urbana e rural, situação socioeconômica, cultural, habitacional, educacional, laboral, familiar e de gênero. Entretanto, desconsideram os efeitos emocionais, por não visarem a produção de conhecimento psicológico.

Esse último conjunto de artigos revela, de maneira geral, uma tendência em reconhecer a complexidade e a pluralidade dos contextos macrossociais. Aparício-Castillo

(2013), autor da produção A11, constata que existem poucas ações políticas e sociais voltadas ao jovem adulto, em especial à mulher. Assim, as desigualdades relacionadas ao processo de transição para a vida adulta, entre classes sociais e gênero, nas diferentes regiões do país, são consideradas nos artigos A9, A10, A12 e A13.

Quando há referência à classe social, como em A9 e A13 (Vieira et al., 2017; Scott, 2001), percebemos que a maternidade ocupa posição central na transição para a vida adulta das mulheres de classes mais baixas, sendo inclusive apontada como um marco que define a autonomia e individualidade da jovem em relação à sua família de origem.

Os contextos macrossociais, abordados nas pesquisas que acessamos a partir da combinação de “transição para a vida adulta” e “gênero”, expostas nas tabelas 6 e 7, demonstram que as melhores condições de vida da mulher derivam da permanência no sistema de ensino e da ampliação da participação no mercado de trabalho, o que pode determinar adiamento do casamento e da parentalidade. Esse aspecto é destacadamente apontado por Ribeiro (2014), aqui registrado como produção A10, de forma a sugerir que gozar de melhor condição social e econômica pode facilitar a vida individual feminina.

Contudo, não se pode ignorar que mulheres de classe média vivendo em áreas urbanas parecem mais sensíveis e expostas aos desafios que a variedade de combinações de papéis e atribuições de tarefas no dia a dia lhes impõem (mãe/estudante/trabalhadora/esposa), como salienta Vieira (2008), em artigo aqui registrado como A12.

Assim, quando a transição para a vida adulta é examinada em conexão com classe social, nas ciências sociais e na área da saúde, instalam-se dois diferentes quadros. Enquanto a jovem pobre adulta quando se torna mãe, ganhando autonomia, permanece na condição de mulher pobre, que enfrentará dificuldades em seu cotidiano relacionadas ao atendimento de suas próprias necessidades e ao atendimento das necessidades de seus filhos. A mulher de classe média pode optar entre casar, casar e ter profissão, permanecer solteira, casar e se

divorciar, ter filhos ou não. Entretanto, essa maior liberdade não significa que sua vida seja fácil, porque sempre lhe restará lidar com exigências não evidenciadas em estudos que não abordam dificuldades emocionais e sofrimentos subjetivos (Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017; Schulte, 2016; & Zanello, 2018).

Nos artigos A14 e A15 (Dávila & Guiardo, 2012; Guerreiro & Abrantes, 2005), constantes da tabela 7, fica patente a percepção segundo a qual existiriam diferentes modos de transição para a vida adulta, em função da posição social e do núcleo geracional, que são geralmente configurados conforme os níveis socioeconômicos, o gênero e os familiares. Segundo tais produções, as transformações mais recentes na esfera da vida da mulher têm criado condições para que novas estruturas familiares emergjam, modificando as modalidades de construção de autonomia e independência familiar. Assim, as transições para a vida adulta da mulher, na atualidade, refletiriam possibilidades de transformações sociais importantes, bem como desafios frente à desigualdade e exclusão, significando um percurso intensamente social. Além disso, uma certa flexibilidade nos papéis de gênero, constatada nessas pesquisas, propicia uma óbvia dificuldade para a mulher conciliar vida profissional e familiar, sendo uma questão destacadamente feminina, enquadrando-se no binômio tradicional versus moderno, como sublinham Guerreiro e Abrantes (2005).

Conclusões

O quadro até aqui delineado com o estudo dos artigos permite alguns apontamentos, amparados nas contribuições de Bleger (1963/2007) que suportam este trabalho sob o paradigma epistemológico crítico (Guba & Lincoln, 1994), segundo o qual a realidade social se apresenta, para os seres humanos, como condição objetiva, não se constituindo, ontologicamente, como mera narrativa que dispensaria sua consideração pelo psicólogo/psicanalista.

De acordo com Bleger (1963/2007), um posicionamento coerente com a psicologia psicanalítica concreta só é alcançado quando superamos alguns mitos, que têm estruturado a abordagem positivista nessa ciência, os quais designa como mitos do ser humano natural, abstrato e isolado das condições concretas de sua existência.

Afirma o autor, quanto ao mito do homem natural:

Sabemos, atualmente, que não existe tal “homem natural” e que esta teoria é uma prolongação, no campo científico de uma fantasia de caráter religioso [...]. A teoria do homem natural não é uma postulação isolada que integra ou faz parte de uma concepção que considera o mundo total como invariável e fixo e que, além do homem natural, postula uma justiça natural, um direito universal etc. Em outros termos, é parte de uma ideologia. Investigações antropológicas demonstram que [...] indivíduos de culturas primitivas tampouco são seres naturais e que sua personalidade está funcionalmente correlacionada com a estrutura total de sua organização social nem singela, nem simples, mas complexa. [...] Sabemos que o homem é produto histórico, transforma a natureza, e nesse processo, cria a cultura e transforma sua própria natureza [...] assim o próprio homem é produto de um desenvolvimento histórico e se torna uma nova natureza: a humana. (BLEGER, 1963/2007, pp. 16-7).

E acrescenta, aludindo ao homem isolado:

Supõe-se que o ser humano é originária e primitivamente – tanto em espécie quanto como indivíduo – um ser isolado, não social, que assimila com esforço e gradualmente a necessidade de se relacionar com outros indivíduos; desta maneira, um problema que se colocava à psicologia era o de investigar como os seres humanos entram em

relação uns com os outros e, para isso, emitiu-se a hipótese – entre outras – de um instinto gregário ou de uma energia especial, a libido (BLEGER, 1963/2007, p. 17).

Para finalizar, refere-se ao homem abstrato nos termos seguintes:

É um dos erros conceituais e metodológicos mais sérios do campo da psicologia [...], pois consiste em estudar o ser humano como determinado, isolado das situações reais, históricas e presentes nas quais transcorrem sua vida, forma-se sua personalidade e estabelecem suas relações de todos os tipos. [...] A abstração conduz tanto à concepção do homem isolado como à do homem natural, descartando as variantes sociais e culturais como agregados não substanciais do ser humano. [...] A psicologia moderna tende a considerar todos os fenômenos psicológicos como derivados de determinantes relações e interações concretas do ser humano, como ser social, com as situações reais de sua vida. (BLEGER, 1963/2007, p. 18).

Portanto, de acordo com o mito do ser humano natural, as pessoas portariam uma essência interior naturalmente estabelecida antes da experiência. Notamos uma clara inclinação em pensar a pessoa humana como organismo, de modo análogo ao realizado pelas ciências biológicas clássicas, hoje superadas, na medida em que se consideram os fenômenos inseridos em sistemas mais amplos de vida.

Segundo a perspectiva blegeriana, destacamos que parte da literatura encontrada revela certa preocupação com a compreensão de contextos em que ocorre a transição para a vida adulta, mas que é forte uma tendência objetivante, de linhagem positivista, especialmente nas produções da área da psicologia.

O mito do ser humano isolado pode ser compreendido como a ideia de que o indivíduo viveria separado de outros, o que não condiz com a realidade, uma vez que, desde a vida

intrauterina, o humano precisa de outras pessoas para sobreviver, física e emocionalmente, e segue construindo vínculos e vivendo de modo interdependente. A ideia de individualidade, na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, já inclui, paradoxalmente, a relação com o outro, pois o ser humano sempre está em coexistência (Bleger, 1963/2007)⁴.

O mito do ser humano abstrato, por sua vez, corresponde à ideia de que as pessoas compreendem as questões humanas desvinculando-as das condições concretas da vida humana, negando inclusive diferenças sociais, culturais e históricas. Ao considerar os fenômenos de forma abstrata, a experiência vivida poderia ser reduzida a aspectos atemporais e extremamente subjetivos, de modo desvinculado da realidade externa (Bleger, 1963/2007).

Assim, na medida em que não discorrem sobre gênero, colocando-o entre parênteses, os artigos da área da psicologia podem ser considerados um tanto abstratos e objetivantes. Afinal, os contextos sociais, econômicos, culturais e geopolíticos afetam diferentemente a vida de homens e mulheres; pensar o contrário só é possível mediante certa abstração da realidade humana. De maneira geral, os artigos A6, A7 e A8 revelaram-se menos abstratos e mais próximos do acontecer humano por apresentarem uma compreensão da transição para a vida adulta que considera as transformações da sociedade, os contextos macro e microssocial (da família), ou seja, não apenas atribuem as dificuldades enfrentadas nesta transição de maneira isolada ao jovem, aos pais ou a algum processo interno, mas como uma relação interdependente. O artigo empírico A6 (Ponciano & Féres- Carneiro, 2012) leva em conta o contexto da família e, ao se posicionar criticamente, relativiza a visão tradicional deste momento da vida. Já os artigos A7 e A8 (Kublikowski & Rodrigues, 2016; Brandão, Saraiva, & Matos, 2012) também adotam um posicionamento crítico na compreensão da transição para a vida adulta considerando outros trabalhos sobre o tema.

⁴ Lembramos que o pensamento winnicottiano também subscreve essa mesma visão, o que permite que seja articulado às exigências blegerianas por autores alinhados ao estilo clínico Ser e Fazer (Ambrosio, 2013; Aiello-Vaisberg, 2017).

Os artigos devolvidos a partir dos descritores “transição para a vida adulta” e “gênero”, elaborados nas áreas das ciências sociais, saúde coletiva e demografia, evidenciam que o processo de transição para a vida adulta seria profundamente afetado por transformações sociais, que impactam a vida das mulheres e as relações de gênero. Entretanto, tem-se a impressão de que pesquisadores da psicologia desconsideraram as contribuições das ciências sociais, ignorando a determinação social de efeitos na vida subjetiva, e que tentam organizar a pesquisa conforme marcos normativos, tributários de óbvio conservadorismo.

A nosso ver, psicólogos devem analisar necessariamente os contextos macrosociais, onde a vida acontece. Pensar o psiquismo como um sistema isolado do meio ambiente gera efeitos perniciosos, que tornam as práticas psicológicas não apenas inócuas mas, inclusive, prejudiciais. Considerar que questões existenciais derivam de uma interioridade psíquica, concebida como sistema fechado ou apenas alcançado por relações primárias, não favorece autênticas experiências mutativas, capazes de produzir amadurecimento emocional e fortalecimento de posturas éticas e solidárias.

Capítulo 3

Estratégias metodológicas

A seguir, explicitaremos as estratégias metodológicas adotadas e os pressupostos teóricos fundamentais que orientam esta pesquisa qualitativa organizada a partir do método psicanalítico.

O capítulo está dividido em três partes: a) considerações sobre o uso do método psicanalítico na pesquisa qualitativa; b) descrição dos principais conceitos que embasam a teorização na vertente da psicologia psicanalítica concreta: conduta, imaginário coletivo e campos de sentido afetivo-emocional; c) descrição dos procedimentos investigativos enquanto operacionalização do método psicanalítico: procedimento investigativo de levantamento e seleção do material; procedimento investigativo de registro; procedimento de interpretação do campo de sentido afetivo-emocional; e procedimento investigativo de interlocuções reflexivas.

Considerações sobre o método psicanalítico na pesquisa qualitativa

O método psicanalítico constitui-se por meio de duas operações fundamentais: associação livre de ideias e atenção flutuante (Laplanche & Pontalis, 1967/2001), definidas a seguir.

Associação livre

Método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem ao espírito, quer a partir de um elemento dado (palavra, número, imagem de um sonho, qualquer representação), quer de forma espontânea (LAPLANCHE & PONTALIS, 1967/2001, p. 38).

Atenção flutuante

Segundo Freud, modo como o analista deve escutar o analisando: não deve privilegiar a priori qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. Essa recomendação técnica constitui o correspondente da regra da associação livre proposta ao analisando (LAPLANCHE & PONTALIS, 1967/2001, p. 40).

Um aspecto fundamental sobre esse método psicanalítico é o elemento invariante num campo que se distingue pela pluralidade de teorias e de procedimentos clínicos (Herrmann, 1979). Embora autores e escolas pós-freudianas sejam múltiplos, todos convergem ao compartilhar o mesmo método psicanalítico que deu origem a mais de um tipo de teorização, uma questão altamente relevante.

A psicanálise, ao que tudo indica, já nasceu duplicada, como demonstra Georges Politzer (1928/2004). A partir da leitura crítica da *Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900/1996), o autor reconheceu a vigência de uma duplicidade discursiva no texto freudiano, com predomínio de dois modos de teorizar: um modo fiscalista, objetivante e positivista, e um modo clínico, dramático e narrativo.

Tal dicotomia, retomada posteriormente por Greenberg e Mitchell (1983/1994) de modo aparentemente independente de Politzer (1928/2004), embora prevaleça a leitura de Ricoeur (1970) em ambos estudos, originou uma proposta de distinção entre dois modelos de teorização para tratar o material produzido pelo método invariante, que aceita formas de acomodação entre os polos do paradigma pulsional e do paradigma relacional.

Conforme Greenberg e Mitchell (1983/1994), o paradigma pulsional consiste em uma visão metapsicológica que concebe o ser humano de modo mais abstrato e não tão vinculado

ao meio em que vive. Seus atos decorreriam, em primeira instância, da ação de elementos infra-humanos ou forças impessoais, de caráter fundamentalmente biológico, que adquiririam expressão psíquica. Nesse quadro, as pessoas, com as quais nos relacionamos, figuram como elemento secundário, vale dizer, objeto buscado pela pulsão. O paradigma relacional, por sua vez, concebe o ser humano como essencialmente vincular, privilegiando o estudo de sua experiência em termos dramáticos, vale dizer, como acontecer humano. O outro não seria um elemento de menor importância, mero complemento da pulsão, porque o ser humano é originariamente coexistencial.

A psicologia concreta blegeriana, aqui adotada, corresponde a uma perspectiva nitidamente relacional que se distingue de outras na medida em que situa as interações afetivas em contextos macrossociais, econômicos, históricos, culturais e geopolíticos. Ou seja, em seu âmbito, a dimensão social extrapola o contexto familiar para abranger um registro verdadeiramente macrossocial (Sas, 2004).

Ainda que toda teorização psicanalítica parta do método, destacamos que as teorizações relacionais conseguem manter uma fidelidade maior aos pressupostos metodológicos. O método psicanalítico tem como pressuposto que toda conduta humana carregaria consigo sentidos afetivo-emocionais, mesmo quando aparentemente se apresentasse como estranha, bizarra, incompreensível ou até mesmo absurda (Aiello-Vaisberg, 1999). Trata-se, portanto, de um pressuposto de espessura ética, que rejeita a possibilidade de que atos humanos sejam desqualificados e atribuídos a forças infra-humanas, correspondendo a uma verdadeira implosão da psiquiatria clássica, disciplina constituída a partir do chamado “índice de não compreensão do observador” (Bercherie, 1980). Em outros termos, busca compreender atos humanos, individuais ou coletivos, a partir de motivações humanas. Nesse sentido, reforçamos sua utilização na pesquisa qualitativa por ser um campo constituído sob forte influência da psicanálise e da fenomenologia (Turato-Ribeiro, 2000).

Há algumas décadas, a pesquisa qualitativa vem sendo reconhecida como uma abordagem investigativa que, ao explicar seus pressupostos teóricos, propõe o questionamento dos modelos positivista e neopositivista nas ciências humanas (Denzin & Lincoln, 1994). O método psicanalítico passa então a ser mais uma opção para a produção científica nessa área do conhecimento, convergindo com diversas perspectivas num campo multifacetado de referenciais fenomenológicos, dialéticos, etnográficos e outros. Isso é possível porque estas perspectivas, apesar de guardarem diferenças importantes, coincidem ao priorizar a produção de conhecimentos compreensivos sobre os atos humanos (Aiello-Fernandes, Ambrosio, & Aiello-Vaisberg, 2012; Banister et al., 2011; Flick, 2008, 2012).

Neste contexto, a articulação entre psicanálise e pesquisas qualitativas se apresenta como potencialmente produtiva. A pesquisa psicanalítica deve ser considerada uma das opções metodológicas da pesquisa qualitativa, uma vez que é possível discernir claramente uma dimensão metodológica própria do campo psicanalítico, como postulam Laplanche e Pontalis (1967, 2001), dividindo-a em três níveis:

A) Um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado inconsciente das palavras, ações, produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. Este método baseia-se principalmente nas associações livres do sujeito, que são a garantia da validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.

B) Um método psicoterápico baseado nesta investigação é especificado pela interpretação controlada da resistência, da transferência e do desejo. O emprego da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico está ligado a este sentido; exemplo: começar uma psicanálise (ou análise).

C) Um conjunto de teorias psicanalíticas e psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e de tratamento (LAPLANCHE & PONTALIS, 1967/2001, p. 495).

A partir desta definição, entendemos que a dimensão metodológica tem primazia sobre as teorias e os procedimentos terapêuticos, que lhe são derivados (Herrmann, 1979). Portanto, podemos utilizar a psicanálise enquanto método, não apenas em contextos de atendimento a pacientes, para investigar os processos concretos de produção de sentido afetivo-emocional, o que não se confunde com o equívoco, infelizmente frequente, de pesquisadores que aplicam teorias prontas para explicar achados empíricos. A investigação psicanalítica de imaginários coletivos pode ser concebida, portanto, como uma clínica extensa, que aborda sociedade e cultura, produzindo conhecimento concreto e contextualizado no momento histórico, político e sociocultural (Herrmann, 1979; Bleger, 1963/2007).

Conceitos fundamentais

Toda investigação qualitativa, que visa produção de conhecimento compreensivo, independentemente do referencial teórico-metodológico adotado, exige a explicação dos conceitos fundamentais e a descrição dos procedimentos investigativos. Nesta pesquisa, a adoção da psicologia concreta como perspectiva norteadora de teorizações derivadas do uso do método psicanalítico reivindica a definição de três conceitos-chave: conduta, imaginário coletivo e campos de sentido afetivo-emocional.

Segundo o psicanalista argentino José Bleger (1963/2007), conduta seria toda e qualquer atividade humana, considerada individual e coletivamente, expressa como a) atividades psíquico-imaginativas, b) reações corporais e c) ações sobre o mundo externo e seus produtos. Tais manifestações não corresponderiam a meras exteriorizações do psiquismo individual, mas emergiriam a partir de campos relacionais.

O conceito de imaginários coletivos seria um conjunto de condutas inconscientemente partilhadas e passíveis de serem modificadas pelo homem; realidades imaginárias, produzidas coletivamente que chegam a se constituir em verdadeiros ambientes nos quais a vida acontece. Nesse sentido, por exemplo, o fato de uma mulher adulta solteira e sem filhos ouvir frequentemente que “ficou para titia” poderia indicar o imaginário de que a felicidade estaria ligada ao matrimônio e à maternidade ou que essa mulher estaria velha para ter filhos, caso desejasse. Ou então a expressão “meninas amadurecem mais cedo do que meninos” poderia camuflar certas condutas familiares, como as meninas ajudarem nos trabalhos domésticos ou no cuidado de irmãos ou crianças menores e os meninos estarem isentos de tais tarefas, permanecendo dependentes de outras mulheres e prejudicados por não terem a chance de desenvolver essas habilidades.

Para conhecer o substrato afetivo-emocional intersubjetivo, a partir do qual surge o imaginário coletivo, utilizamos o método psicanalítico para produzir interpretativamente os campos de sentido afetivo-emocional. Este conceito substitui, com rigor, aquele do inconsciente pulsional, recalçado e intrapsíquico das teorizações metapsicológicas, enquanto motivador das condutas humanas. Aqui o inconsciente é concebido de maneira relacional ou intersubjetiva, pois consideramos o ser humano como ser social e pensamos as condutas como emergentes das relações (Bleger, 1963/2007). Os campos de sentido afetivo-emocional, habitados por indivíduos e grupos, são, portanto, organizados segundo crenças, valores e fantasias não conscientes e fazem parte de imaginários de onde emergem novas condutas concretas que, por sua vez, transformam-se em novos campos a partir dos quais emergem novas condutas (Aiello-Vaisberg & Ambrosio, 2006).

Procedimentos investigativos

Ao operacionalizar o método psicanalítico, distinguimos quatro tipos de procedimentos investigativos: 1) levantamento e seleção do material; 2) registro; 3) interpretação do campo de sentido afetivo-emocional; 4) interlocuções reflexivas.

Num primeiro momento, organizamos o procedimento investigativo de levantamento e seleção do material ao buscar vídeos com depoimentos espontâneos de mulheres jovens no *YouTube*, em 4 de abril de 2017. Os termos “tornar-se mulher adulta”, “tornar-se adulta” e “tornar-se adulto” foram escolhidos a partir de um processo de tentativa e erro, que incluíram vários outros termos. Limitamos, como critério, a primeira página devolvida pelo canal.

As buscas com os três termos definidos retornaram 42 vídeos. Após assistirmos a todos eles, excluímos aqueles que não contemplavam o fenômeno de nosso interesse: produções organizadas ao redor de entrevistas, vídeos produzidos por profissionais da área “psi”, conteúdos informativos sobre o movimento feminista, matérias publicitárias e os comentários e correções do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) sobre o tema. A Tabela 8 apresenta o resultado da busca, de acordo com o gênero do apresentador do vídeo.

Tabela 8
Retorno dos vídeos

Termo para Busca	Total de Vídeos	Gênero da Pessoa que Apresenta o Vídeo	
		Feminino	Masculino
“Tornar-se mulher adulta”	4	V1, V2, V3, V4	-
“Tornar-se adulta”	8	V1, V5, V6, V7	V8, V9, V10, V11
“Tornar-se adulto”	8	V1, V5, V6, V7	V8, V9, V10, V11

Realizamos então uma busca de checagem utilizando o termo “tornar-se adulto”. As categorias “tornar-se adulta” e “tornar-se adulto” geraram os mesmos vídeos, portanto foram consideradas equivalentes. O termo de busca “tornar-se mulher adulta” retornou 4 vídeos,

todos apresentados por mulheres. O termo de busca “tornar-se adulta” resultou em 8 vídeos, sendo 4 apresentados por mulheres e 4 apresentados por homens.

Entretanto, de acordo com nosso objetivo de pesquisa – produzir conhecimento sobre imaginários de mulheres jovens sobre tornar-se adulta – excluimos os vídeos apresentados por homens do conjunto aqui estudado. Como um vídeo se repetiu nas duas categorias, consideramos 7 vídeos como resultado final desta pesquisa.

Em relação ao procedimento investigativo de registro, optamos por transcrever as falas dos vídeos escolhidos a fim de facilitar o compartilhamento do material analisado. Além disso, tivemos o cuidado de gravar os próprios vídeos de modo a nos tornar independentes do *site*, que pode retirá-los sem prévio aviso a qualquer momento.

O procedimento de interpretação de campos de sentido afetivo-emocional deu-se coletivamente, mediante a apresentação do material aos integrantes do nosso grupo de pesquisa para criação/encontro dos sentidos inconscientes. Neste momento, o processo interpretativo se deixou guiar pelas recomendações de Herrmann (1979) sobre “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido”. Como esclarecido anteriormente, não adotamos a visão clássica do inconsciente como dimensão intrapsíquica, pulsional e metapsicológica, mas a visão de inconsciente intersubjetivo que privilegia a vertente concreta e relacional da psicanálise, ou seja, o estudo da conduta humana no cotidiano, nas interações entre indivíduos, grupos e comunidades.

O cumprimento do procedimento investigativo de interlocuções reflexivas exigiu que abandonássemos o método psicanalítico, de associação livre de ideias e atenção flutuante, para realizar um trabalho intelectual de cunho teórico-conceitual sobre os campos de sentido afetivo-emocional que correspondem aos resultados interpretativos da pesquisa. Retomamos as interpretações dos campos de sentido afetivo-emocional, com a finalidade de produzir conhecimento sob um modelo compreensivo e intersubjetivo. Para tanto, articulamos as

interpretações, resultantes do uso do método psicanalítico, com a psicologia concreta e o pensamento de outros autores, psicanalistas ou não, que frequentamos habitualmente ou que abordam questões associadas aos campos que criamos/encontramos. Assim, visamos ampliar nosso olhar e favorecer o surgimento de teorias locais, que possam contribuir com o processo de produção do conhecimento científico.

Capítulo 4

Material de pesquisa

Os novos sistemas de comunicação vêm transformando de maneira significativa a produção midiática, permitindo que cidadãos comuns criem ativamente conteúdos na chamada cultura participativa (Jenkins, 2015; Burgess & Green, 2009), ampliando as possibilidades de comunicação via experiências emocionais – antes aconteciam de forma presencial ou por cartas, bilhetes, diários, livros de memórias, programas de rádio e televisão, agora incorporam *e-mails*, mensagens e áudios via *WhatsApp*, *blogs* e postagens em redes sociais (Schulte, Gallo-Belluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2016)

Entre os diferentes meios de publicação na internet, destacamos o *YouTube*, um site de compartilhamento aberto de vídeos que disponibiliza produções que exploram temas escolhidos por seus idealizadores, que também são usuários em busca de entretenimento e informação. Aqueles que antes dificilmente teriam suas comunicações divulgadas, agora podem atingir seu público, os seguidores. Surge assim uma nova forma de manifestação, inclusive profissional, já que os *youtubers* podem ser bonificados financeiramente com os anúncios comerciais veiculados em seus canais. Os vídeos não são necessariamente amadores, visto que, para aparecerem na primeira página de busca, precisam ter sido visualizados um mínimo de vezes, assim como acontece no site de procura *Google*.

Além destas produções, o *site* também disponibiliza trechos de filmes, filmes na íntegra, entrevistas, aulas, shows, clipes musicais, concertos, cursos, palestras, propagandas etc., que podem ser acessados a partir de qualquer computador, telefonia móvel, televisão, entre outros. Consideramos o uso desses relatos virtuais, que têm caráter indiscutivelmente concreto, um material rico para pesquisa por tratar-se de uma forma de expressão voluntária e autoral no meio *on-line*, que nos permite acessar pessoas interessadas em expor um assunto

ou questão particular relevante, que não se vincula diretamente à busca de ajuda psicológica. Ou seja, temos acesso tanto a indivíduos que poderiam apresentar demandas clínicas como a outros que não consideram o acompanhamento psicológico uma opção quando se defrontam com problemas pessoais e relacionais.

Esse material divulgado via internet pode complementar o conhecimento que produzimos a partir do contato com pacientes ou mesmo com entrevistados, que não estão recebendo atendimento, mas que convidamos para participar de nossas pesquisas por conveniência. Optamos por utilizar vídeos do *YouTube* por considerar o canal um ambiente humano que permite uma comunicação audiovisual e informal que atinge um público amplo.

Temos investigado imaginários por meio de diversos materiais a fim de compreender a expressão espontânea do acontecer humano: entrevistas (Assis, Aiello-Fernandes, & Aiello-Vaisberg, 2016), materiais culturais, como canções (Aiello-Fernandes, André, & Aiello-Vaisberg, 2016; Aiello-Fernandes, Leão, & Aiello-Vaisberg, 2015), *blogs* (Schulte, Gallo-Beluzzo, & Aiello-Vaisberg, 2017, 2018; Visintin & Aiello-Vaisberg, 2017), filmes e vídeos (Aiello-Fernandes et al., 2014; Assis, 2014; Assis et al., 2016; Chinaglia, 2017, 2012; Ferraz et al., 2015; Visintin et al., 2016), entre outros. Assim, estudar o imaginário da mulher jovem sobre a vida adulta a partir do material encontrado na internet pode configurar-se em uma narrativa da experiência vivida enquanto manifestação humana emergente dos campos relacionais, equivalente ao material clínico, às associações livres do paciente individual e que tem sido de grande valia junto às investigações aliadas à psicologia concreta.

Optamos por analisar a personalidade coletiva das *youtubers* e não a sua interioridade psíquica, com base na ideia blegeriana de que todo indivíduo é também ser social (Bleger, 1963, 2007), podendo comunicar algo dos coletivos dos quais faz parte, uma vez que participamos de vários grupos. Também estamos alinhadas ao interesse do grupo de pesquisa

acerca dos estudos sobre o feminino ao estudar como as relações de gênero se configuram nos dias atuais e como o tornar-se adulto vem sendo percebido na clínica psicológica.

Dividimos o total de sete vídeos feitos por mulheres jovens selecionado a partir da busca pelos termos “tornar-se mulher adulta” e “tornar-se adulto(a)” em duas partes com as respectivas transcrições. O vídeo intitulado “*Tornar-se adulto - Laura Me Conta Essa*”, identificado como V1, foi o primeiro que surgiu e se repetiu nas buscas com ambos os termos; os demais vídeos resultaram de um ou outro termo de busca.

Abaixo apresentamos uma tabela com informações sobre os vídeos seguida das transcrições desta seleção.

Tabela 9
Características dos vídeos selecionados

Busca	Vídeo	Duração	Visualizações	Inscrições no Canal	Visualizações Totais do Canal
Tornar-se mulher adulta	V1	6m15seg	334	358	14.725
	V2	13m26seg	45.415	69.492	6.942.129
	V3	7m35seg	422.181	1.070.806	57.044.673
	V4	1m55seg	111.038	5.736	318.555
Tornar-se adulto(a)	V1	6m15seg	334	358	14.725
	V5	5m30seg	90.564	1.208.178	140.040.290
	V6	4m44seg	99.631	1.396.419	68.287.476
	V7	4m54seg	709.109	1.113.646	144.322.639

VI - “Tornar-se adulto - Laura me conta essa! ”

Olá pessoal! Crescer não é nada daquilo que você imaginava? O “Laura me conta essa” de hoje vai falar sobre tornar-se adulto!

Oi, minha gente. Que bom, estou aqui com você mais uma vez e eu agradeço muito os comentários. Bem... é inevitável, né gente! Tem que crescer, não adianta, a gente não mora na Terra do Nunca, lá com Peter Pan. A gente tem que crescer, a vida vai cobrando posturas e não adianta a gente tentar prolongar muito a vida adulta. Eu gosto muito de falar sobre isso, que é uma das coisas que eu falo nos meus livros. Quem me acompanha, quem acompanha a série “Freud me tira dessa”, sabe que o primeiro livro, o “Freud me tira dessa”, da Catarina. Ela vivia paixões platônicas, tipo por um medo da realidade. Ela acabou se apaixonando pelo analista. Ela tinha uma coisa muito de fugir da vida, né. De estar presa ainda em algumas infantilidades.

No segundo livro da trilogia... Aliás, os dois livros estão esgotados, porque no meu site vende, viu gente. Muito obrigado à galera que está comprando. É uma produção: “Freud me tira dessa” e “Freud, me segura nessa”. Aí é o seguinte, dá para ler de forma independente também, e tal. Mas quem quiser ler na ordem também. No segundo livro, a Catarina, eu imaginei uma personagem mais amadurecida obviamente. A personagem tem que amadurecer. É, então, agora ela tá correndo riscos mais reais. Isso teve tudo a ver com meu processo de tornar-me adulta, né. Uma hora não dá, né gente. Você tem que começar a, enfim, tomar outras posturas na vida e pra mim não foi um processo muito simples assim. É, eu ficava muito presa a algumas meninices, algumas coisas. Nos livros que a gente está acostumado a ler como criança, a gente precisa não precisa fazer muita coisa, né. Porque o príncipe que está lá e a magia que está lá agindo. Os seres humanos quase não fazem nada, fica tudo atribuído a seres fantásticos. E depois você ainda é do reino, não precisa pagar conta, não precisa trabalhar. As pessoas são felizes para sempre, não tem nada de fazer

manutenção do relacionamento, das suas amizades, do seu casamento. É tudo muito simples. Por isso que eu gosto de fazer livros bem condizentes com a vida real e sem essas afetações de conto de fadas. Porque pra mim isso não ajudou nada. Muito pelo contrário. Acho que isso atrasou meu processo assim de entender que o mundo não é cor de rosa. Mas pode ter muitas cores, pode ser muito colorido. Colorido vocês podem interpretar do jeito que vocês quiserem, tá. Não tem problema nenhum. Mas você vê que o mundo pode ser muito bacana, real, como adulto. Uma das coisas que eu gostei muito que eu consegui passar bem assim na minha personagem, na Catarina, a nossa Cat, né, é a questão de ela parar de culpar o pai e a mãe. Eu acho que quando a gente se torna adulto a gente começa a responsabilizar a gente mesmo pelos nossos acertos e pelos nossos fracassos. A gente assume que vai ter que fazer uma escolha e o ônus e o bônus vai ser nosso. É muito infantil; às vezes você fica vendo aqueles almoços de família lá, assim. Aí você vê: “— ah... porque papai fez isso, mamãe fez isso...”. Às vezes, negô já é avô, já é avó e ainda está chorando por coisa de papai e de mamãe, meu Deus. Hello, minha filha, a vida está acontecendo, é você e você sabe?

Eu gosto muito de comparar assim a dinâmica da vida adulta, pelo menos o que eu entendi, e o que estou entendendo que ela é, quando estou assim no processo, também, de tornar-me adulta, né. Eu gosto muito de futebol por causa disso, dá muito pra comparar um pouco na vida. Um time de futebol, ele entra ali em campo, perde, ganha. Você dá o seu melhor. Às vezes, você perde e às vezes ganha. Mas você tem que tá pronto pra voltar pra próxima rodada, pra próxima partida. Eu gosto de pensar que a vida é assim. A gente erra, a gente fracassa e a gente aposta as nossas fichas. E às vezes você faz tudo e não dá certo. Seja, enfim, na vida afetiva, nas coisas profissionais, financeira, enfim, tudo na vida. Mas a vida ela urge, ela não para e não dá pra você chorar, infantilizar, responsabilizar ninguém. Tem que tá ali sempre pronto pra outra, ser adulto é isso. É tá maduro pra entender essas perdas e esses ganhos. É tá ali pronta, assim, para as próximas rodadas, pros próximos

jogos. Eu me lembro que quando eu era nova, eu imaginava uma coisa pra minha vida de adulto. E hoje assim, a minha vida é completamente diferente do que eu imaginava. E esse processo de crescer pra mim foi abandonar, assim, estas ideias megalomaniacas, essas paixões platônicas, essas ideias fantasiosas ao meu respeito, a respeito do mundo, sabe, pra poder crescer. Então crescer pra mim foi abrir mão dessas ideias, assim. E entender essa realidade e com isso eu tirei um peso de mim. Tirei um peso das outras pessoas. Tirei um peso do mundo, do universo, consegui viver melhor. E hoje consigo ser muito feliz, assim, com minha autonomia. Também sabendo que se eu der com os burros n'água, também a culpa é minha, mas se der tudo certo também sou eu, certo. Que agi certo, fiz o certo. Então são coisas que são vão colaborando para tornar-se adulto legal. Fora isso, tem as coisas chatas, né gente. Imposto de renda, conta, multa que você toma. As responsabilidades, ter as continhas pra pagar. O ter que dar certo, ter que dar uma resposta social, ter que agir. Mas ao mesmo tempo você poder abrir suas asas, alçar seus voos, ter autonomia, isso assim, é sem noção. É fazer de você sua própria casa, assim. É, eu acho que eu consegui colocar um pouco disso na nossa Catarina em "Freud, me segura nessa". Eu lembro que os livros também continuam na venda on-line. E tá repondo, viu gente. E tá chegando os novos livros, vêm autografados, com marcadorzinho, tudo bonitinho. É muito legal pra mim como escritora poder colocar um pouco destas questões de crescer, de tornar-me adulta. Colocar nas personagens e fazer tanto sentido para as outras pessoas. Isso com certeza é muito valoroso pra mim e fico muito feliz, tá?

Meu povo, é isso. Continuem mandando e-mails de vocês. Continuem mandando os comentários que eu adoro que vocês comentam. Lives, escreva e divulgue. A gente vai manter contato, tá. Beijo, beijo e até a próxima.

V2 - "Como posso deixar de ser imatura"

Olá, nós estamos aqui hoje com mais um vídeo resposta, para que venha ajudar cada uma de vocês. Me perguntaram assim: “— Nanda, tem como, é, uma jovem ser madura?” Ah, existem muitas meninas jovencinhas, que reclamam, né. Que, poxa vida, por eu não ser, a minha mãe não confia em mim. A minha mãe fala que eu sou imatura. É, nada é confiado em mim porque eu sou muito jovem. E por aí vai.

Eu tava outro dia assistindo uma reunião do meu marido e ele falou uma coisa que eu quero compartilhar com vocês. Que, depois meditando mais sobre isso, eu pude perceber, assim, é possível você ser jovem e ser madura. É possível você vencer a imaturidade. Então, como Nanda que isso é possível? Como que eu posso vencer a imaturidade, se eu não vivi experiências? Se eu não sou uma pessoa, porque, por exemplo, você às vezes vê jovens que tiveram que trabalhar cedo. Que tiveram que sair cedo e enfrentam coisas na vida. E essas jovens, elas são maduras, por quê? Porque, elas passaram por experiências, passaram por situações que de repente você não passou e elas são mais experientes do que você. Você de repente é aquela jovencinha, protegida, que não tem suas experiências. E, às vezes, você quer se rebelar falando assim para sua mãe, pro seus pais: “— Me deixa, me deixa bater de cabeça, me deixa, eu tenho que amadurecer”. Não é? Vocês já não viram falar disso? Já viram isso nas novelas também.

Mas a verdade é a seguinte. O quê que caracteriza uma pessoa madura? E o quê que caracteriza uma pessoa imatura? A imatura você vê as atitudes dela, a mentalidade, é [...] ela tem atitudes, ela tem reações que você geralmente fala: “olha, isso é imaturidade”. Não é verdade? Ela teve essa reação porque ela é imatura. E é verdade, existem pessoas que são imaturas. Mas existem também, é [...] velhos que são imaturos também. Que não têm atitudes de pessoas mais velhas, que têm atitudes imaturas. Então quer dizer que imaturidade é uma coisa característica da jovem? Não, não é. Porque também existem jovens que têm atitudes maduras. Então, você vê que uma coisa não precisa necessariamente ser ligada à outra, hoje.

Não quer dizer que porque você é jovem, você vai ser imatura. Você pode vencer a imaturidade. E eu vou te dar a dica agora, de como que você pode vencer. Como que você pode ser uma jovem e ainda assim ser madura. Mesmo que você não tenha muitas experiências, mesmo que você não esteja é [...] numa vida difícil, você pode ser madura.

Primeiro de tudo. Qual a característica de uma pessoa madura? A pessoa madura, ela [...] vamos pensar, assim, numa pessoa. Pensa agora numa pessoa que você conhece que seja madura. Ai você fala assim: “Ah, ela é sábia. Ah, ela vê as coisas longe, ela pensa antes”. São vários fatores que fazem essa pessoa madura. Mas um fator principal, principal de uma pessoa madura. Um fator muito importante, que você vai entender, que vai nos levar ao ponto, é que ela é responsável. A pessoa madura, ela é uma pessoa que você pode contar com ela, que você confia, ela é confiável. Agora eu te pergunto: “O que que faz uma pessoa ser responsável? O que que faz uma pessoa ser confiável?” Pensa [...]. O que faz ela ser responsável e confiável, é algo simples, que pode ser praticado por qualquer um. A pessoa confiável e responsável é a pessoa que pensa nas consequências dos seus atos. Pensa nas consequências. A imatura ela não vê consequências, ela é inconsequente. Ela fala, ela fala e não quer saber das consequências. Ela reage e não se preocupa com as consequências. Ela responde, tudo o que ela faz é sem se preocupar com as consequências. Já aquela pessoa responsável e confiável, ela se preocupa com as consequências. Por exemplo, a sua mãe falou pra você: “Olha, faz isso aqui”. Quando você é imatura, você é irresponsável, e você não pensa nas consequências. Então, você não pensa assim: “poxa, quando minha mãe vai chegar, vai ver que eu não fiz, vai brigar, vai ficar chateada”. Essas coisas, conseqüentemente, vão levar pra que você tenha uma imagem de uma pessoa imatura. Uma imagem de uma pessoa que não se pode confiar as coisas. Já, se você desde cedo, desde o início, toda vez que for dado algo a você ou nos momentos em que na sua vida você tem que tomar uma decisão. Peraí, eu tenho que decidir isso aqui. Esse momento qual a atitude que

eu vou ter? O que que eu vou fazer? Olha, o que eu vou falar? Qual a consequência daquilo que eu vou falar? Então, você pensando nas consequências, você vai então tomar a decisão certa. Porque você não quer consequências ruins. Você não quer as consequências erradas. Você não quer depois falar com a sua mãe brigando, você não quer depois estar lá com as pessoas não confiando em você. Falando que você, poxa. Ninguém pode confiar nela. Ah, olha só, você virou uma bagunceira. Você não cuida das suas coisas. Você não cuida de você mesma. Você não é uma pessoa que leva a sério as coisas de Deus. Você não se preocupa com a sua vida espiritual. Então, você leva tudo na brincadeira. Você é uma pessoa que não é confiável. Consequentemente, não é responsável. E, consequentemente, é vista como imatura.

Já aquela que pensa. Pera lá, não vou fazer isso. Eu vou agir assim, porque se eu não agir assim, lá na frente eu vou ter problema. Então, o que acontece? Você é vista como uma pessoa madura. Você é vista como uma pessoa responsável. E não só vista. Se você age assim, você é assim. Então, você se torna uma pessoa que as pessoas podem confiar. Você se torna uma pessoa que é vista como uma pessoa madura. Então tá aí, como que você pode vencer a imaturidade? Você pode vencer pensando nas consequências dos seus atos. Antes de você fazer alguma coisa ou não fazer alguma coisa, pensa nas consequências de onde as suas atitudes vão te levar. Se você é uma pessoa que você não quer saber dos estudos, que você não quer estudar. Pensa nas consequências disso. Onde isso vai te levar? Porque existem muitas jovens que falam assim: “Ah, Nanda, eu não tenho mais o gosto, não tenho mais vontade de estudar. Eu quero tá na igreja, eu quero tá evangelizando, eu quero”. Claro, gente! Claro! Até mesmo pra aquela que não é nascida de Deus, ela quer fugir dos estudos, não é verdade? Ela quer! Mas o que os estudos, nesta fase inicial da vida da jovem, influencia? Influencia na formação de uma mentalidade. Influencia em você desenvolver seu intelecto, pra que depois você possa influenciar positivamente outras jovens e outras mulheres. Porque se você não sabe falar, não sabe se expressar, você não investiu. Você vai

ser usada, mas de repente não vai ser tão usada. Então é preciso, sim, você pensar nas consequências dos seus atos neste sentido. Se você é, tá ali, você tem que pensar em tudo o que você vai fazer na sua vida agora. Principalmente no começo, na adolescência. No comecinho, você saiu da infantilidade, porque na infantilidade quem toma as decisões por você são seus pais. Eles vivem mandando você: “Você faz aquilo, faz aquilo outro”. E às vezes você obedece e às vezes não, né? Então, essa fase agora da adolescência, você já tá se tornando independente. Independente nos seus pensamentos, nas suas atitudes, naquilo que você vai fazer. Então, é muito importante que você busque essa maturidade, essa responsabilidade. De ser responsável, essa [...] para um momento, eu perdi aqui. Que você busque pensar nas consequências. Então pensa sobre isso. Não deixa, a gente tá falando aqui e você assiste de repente você “Ah, muito legal, muito legal”. Mas o que isso vai ter frutos se você não pensar sobre isso, se você não para e “pera lá”. Eu preciso ser uma pessoa agora que pense nas consequências. E não importa de repente, hoje, a imagem que você tem é de uma pessoa imatura, é de uma pessoa irresponsável. Mas você pode hoje mudar isso. É claro que não vai ser de uma hora pra outra, você vai ter que praticar isso. Você vai ter que colocar em prática. Vão ter momentos que vão ser difíceis, porque é muito fácil ser inconsequente. É muito fácil você fazer as coisas. O difícil é exatamente isso: pensar nas consequências e ser responsável. Isso é difícil!

Mas vai trazer boas consequências na sua vida. E, sendo assim, você vai ser uma jovem madura. Uma jovem que as pessoas podem contar com ela. Uma jovem que pode ser confiada grandes responsabilidades, grandes coisas.

Tá bom. Espero que tenha ajudado vocês e queria pedir: se você acha que este vídeo vai ajudar alguma amiga, que vai ajudar alguém que está precisando, assim, como de repente ele te ajudou, compartilha ele. Convida suas amigas pra participar do blog. Que toda semana, todos os dias praticamente nós temos mensagens. Tem uns vídeos, não só este vídeo,

mas de repente tem outros vídeos no meio dos vídeos expostos que podem ajudar. Então, vamos lá! Vamos ajudar umas às outras e divulgar também o blog pra que venha ajudar outras pessoas. Tá bom? Um beijinho pra todas vocês e a gente se vê um dia destes... beijinho!

V3 - “Como ser mais mulherão”

Oi, gente! Tudo bom? O vídeo de hoje vai ser um vídeo bem legal, onde eu vou dar ideias de looks e maquiagens. É para aquelas pessoas que têm aquele estilo mais mulher, que gosta desse estilo mais sensual, mais... ah, como é que eu posso dizer? No meu último vídeo que eu postei de garota Tumblr, teve uma leitora que comentou comigo. Que ela falou assim, que ela não se identificava muito com o estilo; que ela gosta de looks assim mais mulher; que não gosta de usar boné, nem acessórios muito assim menininha, sabe?! E eu percebi que realmente tava faltando um vídeo aqui no canal, onde eu mostrasse um pouco mais desse estilo assim... “Amanda Mulher”. Só que, assim, eu acho que cada ocasião pede um tipo de roupa sabe, pede um tipo de look, claro que você tem que ter o seu estilo. Vocês vão ver no vídeo que eu mais ou menos fiz o meu estilo, só que algo mais adulto. Acho que essa é a palavra. E eu espero muito que vocês gostem, tá? Então vem comigo...

Então vamos começar, gente. Eu estava já com a minha pele e sobrancelha feita. Eu comecei passando um iluminador embaixo da sobrancelha, tá. Um lápis iluminador e fui esfumando [...]. E depois eu fui aplicando uma sombra iluminadora, que é bem clarinha. Depois eu peguei uma sombra marrom e num pincel fofinho e apliquei em toda pálpebra, só dando uma esfumadinha assim geral; é uma sombra marrom bem clarinha. E depois eu peguei o lápis de olho preto e fiz tipo um delineado, tá. A gente não vai usar fazer delineado gatinho, porque eu sei que muita gente não sabe fazer, né. Então esta é uma superopção! Depois disso peguei um pincelzinho e fui esfumando, o lápis de olho preto, e peguei um pincel

fininho e fui colocando sombra preta, bem na raiz do cílio, tá... bem, bem na raiz do cílio pra ficar pretinho. E depois vou vir com aquele mesmo pincel e só apliquei uma sombra marrom, tudo por cima pra dar aquela esfumada geral.

Olha só como é que ficou bonito! Embaixo eu peguei uma sombra cremosa da “xxxx” e eu apliquei, assim, com dedo e esfumando com dedinho e aplicando com pincel e no outro olho também. E daí eu peguei uma sombra dourada, e fui aplicando tudo por cima desta sombra da “xxxx”. Olha que bonito que fica este efeito! Depois disso eu peguei o mesmo lápis de sobrancelha e apliquei na linha d’água, agora tô terminando minha pele, aplicando corretivo, o pó para depois a gente finalizar com a máscara de cílios e o cílios postiço, né. Tô aplicando o cílios postiço, é opcional, mas, assim, o cílio postiço dá um up, né, então se você for pra uma festa, uma balada, sei lá, você pode colocar os cílios que fica bem lindo, gente! Depois eu apliquei um bronzer com o blush, assim também, não quis aplicar cor nas bochechas. E daí eu tô aplicando um iluminador em cima do nariz, bastante iluminador. Iluminador nunca é demais, eu adoro! Pra finalizar os olhos, eu tô vindo com um delineador líquido, só na raiz onde tava a cola, tá, pra esconder. Mas a gente não faz o delineado. E depois apliquei bastante máscara de cílios e aí já está pronta praticamente a maquiagem. Por último o batom. Aí você pode colocar a cor de batom que você quiser, eu ia colocar um vermelho. Mas daí eu vi que essa cor ia supercombinar, que é um marsala. Que eu acho que ficou bem lindo. E assim ficou a maquiagem, gente. Olhem como ela ficou, assim, bem elegante! Eu adorei!

O primeiro look eu tô usando uma calça, destas calças pantalone. Eu acho que é legal porque você não precisa usar com camisa, nem com blazer. Eu joguei com cropped de listra e acho que ficou um look supermoderno.

(Música e imagem dela com o look).

O segundo look é o mais ousado e sei que vai ter muita gente que não vai gostar, mas eu quis trazer algo bem ousado pra vocês. Então eu tô usando um cropped com uma calça de cintura alta, e pra não ficar tipo vulgar, você joga esses casacões, essas camisas grandonas por cima. Eu acho que é muito parecido com os looks que a Kendall Jenner usa, sabe?! Ela sempre usa uma peça coladinha com uma outra jogada bem grandona por cima.

O terceiro look, eu tô, eu usei blazer, mas eu quis modernizar. Não ficar naquele blazerzinho básico. Então eu coloquei um jeans rasgadinho, essa bota over e uma t-shirt. E o blazer com a manguinha assim arregaçada que eu acho fica bem legal, bem bonito.

O último look eu quis trazer algo básico, mais pra mostrar pra você que dá pra ficar bem vestida mesmo com tênis, sabe? Então eu coloquei uma calça jeans, uma blusa preta bem coladinha e o tênis. E pra completar o look eu coloquei este chauquet, que é esta gargantilha que está super na moda, né gente, e uma bolsa também.

Bom, meninas, vocês puderam perceber que eu tentei não fugir do meu estilo, que é este estilo que eu gosto. Mas eu quis trazer algo, assim, mais adulto, né. Eu sei que, assim, eu acho que cada ocasião pede um estilo de roupa, de look. E eu sou muito eclética, eu sou muito de lua. Então, assim gente, eu quis dar ideia pra vocês. Mas é claro que eu sei que vai ter pessoas que não vão se identificar. Sei que tem pessoas que não vão gostar, mas é por isso que cada uma tem seu estilo, né. Eu tô trazendo o meu estilo aqui pra vocês. E se você não se identificar, é porque eu não posso vir trazer algo que não combine comigo, sabe? E é isso... eu espero que vocês tenham gostado do vídeo. Se você gostou, você clica em gostei pra mim, tá? Se inscreva aqui embaixo no meu canal e me siga no Instagram, no meu Snapchat. Vai ficar acompanhando os meus looks. Tá bom, gente. Um super beijo pra vocês... tchaaau!

V4 - “Como ser uma mulher poderosa”

Olá, meu nome é Maju, e sou coach do Mulher Integral e vou trazer pra vocês 10 dicas sobre como ser uma mulher poderosa.

A primeira dica você vai assistir neste vídeo, que é: “Aprenda a correr riscos”. Na nossa zona de conforto estão todos os pensamentos, sentimentos e ações que nós estamos acostumados a repetir diariamente. O que é esta zona de conforto? É basicamente este estado de rotina que não nos permite crescer. E para poder crescer, aprender e mudar qualquer coisa é necessário sair do que é conhecido e habitual e embarcar nesta aventura. Uma mulher poderosa se desafia diariamente. Como? Com novos pensamentos e atitudes. Arrisque-se, experimente e não espere por uma garantia. Arriscar-se é estar preparado para cair e levantar sem entrar no papel de vítima.

E agora vem o grande segredo! A grande dica! Para arriscar mais no seu dia a dia. Enfrente pelo menos um medo diariamente. Seja ele de falar em público, conversar com desconhecido, aceitar críticas, enfrentar alguma situação desfavorável, ou seja, tudo aquilo que você está fugindo: Faça! Realize! Arrisque! Crie uma vida extraordinária, onde superar seu desafio e brilhar inspire o mundo a brilhar também.

Obrigada por assistir e nos vemos na próxima dica.

V5 - “Maiores tristezas de ser adulto”

Ser adulto não é fácil, né? E se você já é um adulto, cê vai entender o que eu quero dizer nesse vídeo...

Quando a gente é criança ou adolescente a gente vive querendo completar 18 anos pra virar um adulto, não é? Sair de casa, morar sozinho e todo mundo fica falando pra gente: “— Calma! Morar sozinho e ser adulto não é tão legal igual cê tá pensando!” E a gente continua falando que não... que obrigação e tanta responsabilidade na cabeça da gente que vou te falar, viu... não é fácil!

A primeira coisa que acontece que é terrível é o negócio das cobranças. Quando a gente era adolescente e criança a gente odiava ser cobrado. Era tenso, toda vez que sua mãe te mandava fazer uma coisa ou que ela te perguntava se você já tinha pagado uma conta ou se você já tinha limpado seu quarto. Era uma bosta, era! Mas quando você passa a ser adulto, quem faz as cobranças é você. E, às vezes você não tem que fazer as cobranças pra uma outra pessoa. Às vezes as cobranças são internas. “Já fez o trabalho da faculdade? Já pagou a conta de luz do mês?”

Às vezes é o mundo que te cobra. Você quer comer alguma coisa, abre o armário e não tem nada! É o mundo falando pra você que você esqueceu de fazer a compra do mês. Ou pior ainda, que seu dinheiro do mês já acabou e que você não tem grana nem pra comprar um mexidão, na esquina, pra se alimentar... E a comida é outro grande problema, né... porque eu não consigo entender como é que as mães, avós e tias da gente conseguiam manter comida dentro de casa o tempo inteiro. Toda vez que você chega na casa da sua mãe tem uma comida te esperando... quentinha... fresquinha... novinha... Tá ali, pronta! Eu, aqui em casa, não consigo fazer... eu não consigo ter tempo pra abrir o pacote de bolacha que já vem pronto do supermercado pra eu comer... quanto mais fazer uma comida pra eu deixar pronta, quentinha o tempo inteiro! Como que elas fazem? É mágica? Que que acontece? E tem aquele dilema fodido que sempre envolve dinheiro que é: “– ai, meu Deus... será que eu pago este convênio supercaro que vai tirar uma grana pesada do meu salário ou será que eu espero adoecer, ‘fudidamente’, e ter que gastar uma grana no capeta quando isso acontecer, pagando consulta particular?”

E aquela dorzinha que todo mundo sente quando paga o aluguel, hein? Nossa!! Chega dar uma [...] parece que tem alguém te esfaqueando no fígado de tanto que é foda... Todo mês quando você vai pagar o aluguel, geralmente o mês inteiro a gente esquece, daí chega no dia de pagar o aluguel... cara... é uma tristeza, é uma depressão... dá vontade

de voltar pra cama e ficar lá... você vê tanto dinheiro escorrendo pelo ralo. Daí você resolve: “Não... vou juntar uma grana, vou dar entrada numa casa. Deixa eu fazer uns cálculos aqui...” e daí você começa a calcular e, “véio”, você descobre que você nunca vai ter grana pra pagar uma casa, porque a entrada necessária é um dinheiro que você nunca vai conseguir juntar...

Mas isso são coisas físicas, né? Práticas que você tem que fazer, você é obrigada a fazer e você vai lidando com aquilo ao longo do que vai acontecendo. Mas tem as coisas emocionais do dia a dia, pessoais. Por exemplo, priorizar (nossa o que eu falei... PRIORITIZAR). Não sei o que acontece quando a gente é jovem, adolescente, e mora com pai e com a mãe (estou rindo até agora do priorizar); que você tem tempo pros seus amigos, você tem tempo pra sua mãe, pra sua família, você tem tempo pro seu trabalho. Parece que as coisas são tão regradinhas que você sempre tem tempo pra tudo... arranja um tempo, sei lá, passa a noite inteira acordada pra ter tempo pra fazer isso. Quando você é dona do seu próprio nariz e você tem que fazer as coisas por conta própria, a primeira coisa que você não vai ter é tempo. A segunda é dinheiro. Porque a gente nunca acha tempo pra nada, “véio”. E sempre rola aquela culpa de, meu Deus, eu não tô vendo os meus amigos! Meu Deus, eu não tô vendo a minha família! Que que tá acontecendo comigo que eu só trabalho, trabalho e no final do mês não tem dinheiro nenhum? É muito desabafo esse vídeo!!

E isso acontece porque a gente faz muito mais obrigações do que o que a gente realmente quer. Porque é isso que um adulto faz! Ele resolve obrigações, ele cumpre funções que são necessárias para a sobrevivência. E a gente entra num vício meio pesado em relação a isso. Num ponto de que quando você tem férias, passa uns dias, você já tá louco pra voltar a trabalhar. Não sei o que que acontece... é uma espécie de droga, cara... você entra numa “vibe” de que enquanto você tá trabalhando, você não sabe o que você tá fazendo da sua vida e você quer se divertir e quer ter tempo pra você mesmo. Daí você entra de férias e fala:

“— meu Deus, eu tô à toa demais, não tô sendo útil pra sociedade”, e vira esta bosta que é uma bola de neve sem fim!

E aí entra o último ponto deste vídeo que é ter que lidar com a frustração porque a gente está sempre frustrado. Ou, na maioria das vezes, a gente tá sempre frustrado. E frustração não tem nada a ver com você ser feliz ou se sentir bem. Não! Frustração são aquelas coisas que você gostaria que fossem de um jeito diferente e que não são, e que você tem que lidar com isso, né? E é a parte mais difícil, porque nada agrada a gente. É a história do “a grama do vizinho é sempre melhor que a nossa, sempre mais verde”. Porque nada agrada e a gente tem que ficar lidando com a frustração de querer a grama do vizinho, mas daí quando você consegue a grama do vizinho, você quer a do outro vizinho e daí vai pro resto da vida, “véio”.

Ser adulto não é fácil mesmo! Não sei nem como é que eu vou terminar este vídeo. Mas é isso aí! Não tá fácil pra ninguém, galera! É desse jeito mesmo. Parecia que era mais divertido, não parecia? Pois é!

V6 - “Ser Adulta”

Olá!

Eu odeio, muito, ser adulta!

Essa semana eu fiquei bastante doente. Mas, mesmo ficando doente, eu tive que resolver um monte de coisa de documentos meus que foram roubados e cartões de banco que foram roubados no Lollapalooza. Eu tive que fazer um monte de trabalho pra faculdade e resolver um monte de coisa da festa de aniversário que eu tava organizando com uma amiga minha.

Eu tinha que basicamente rodar o Rio de Janeiro inteiro, fungando que nem uma louca, aliás, quando eu tossia parecia, mais ou menos, o motor de uma aeronave alienígena (tosse).

— *Meu Deus do céu! Meu Deus do céu, o que foi isso? Um terremoto! Meu deus, você sentiu? Ohh!*

— *Não... calma, calma. Foi só eu, eu tô com tosse.*

— *Isso foi você? Isso foi humano?*

Fora a febre e calafrios que eu tinha enquanto eu fazia sanduíche para a droga do aniversário. E tudo isso me fez lembrar que eu gravei um vídeo, há uns quatro anos atrás, em que eu falava que eu gostava de ficar doente, porque todo mundo fazia tudo pra mim. Eu consigo nem começar a dizer o quanto as coisas mudaram de quatro anos pra cá... porque quando você fica adulto, ninguém mais se importa se você tá doente ou não...

— *Ah... por favor, né, eu não me importo, não tô nem aí se você tá tossindo sangue ou se você tá com um pedaço de cérebro saindo pela sua orelha. Você levanta! E você vai viver! E você vai fazer tudo o que você tem pra fazer hoje, tá? E faz alguma coisa com esta gosma verde radiotiva que está saindo do seu nariz que está me deixando com nojo! E, quando você voltar, passa na padaria e traz pão, por favor, tá?*

Sua doença não é uma prioridade pro mundo, na verdade é... é assim... numa escala de 0 a 800 mil, é tipo -50. Não importa se você está tossindo um pedaço do seu pulmão que nem eu tava. Não importa, você vai ter que sair, você vai ter que viver.

E eu percebi o quanto eu odeio ser adulta! Porque, assim, você acha que você vai ficar adulta com 18 anos, mas ninguém te dá todas as suas obrigações com 18 anos, porque eles não confiam ainda totalmente em você. Eles têm que te observar durante um tempo pra ver que tipo de pessoa você vai se tornar. Suas obrigações vão ser dadas pra você aos poucos, até o momento que alguém vai virar pra você e falar:

— *Se vira!*

E aí bem-vinda à vida adulta de fato! Nada é dado pra você de mãos dadas, aliás você não tem a menor noção do que você está fazendo. Basicamente, ninguém tem muita noção do que está fazendo também.

Eu descobri que eu sou muito, muito ruim em ser adulta. A maior parte do tempo eu só fico olhando com cara de confusa pra todo mundo. Sem entender nada do que está acontecendo, nada! Até quando eu consigo fazer as coisas sozinha de fato, coisas que são tipo muito adultas, tipo ir no banco, sozinha, sem precisar perguntar nada pra ninguém, e consigo de fato fazer o que eu preciso fazer. Eu fico muito feliz, muito feliz. É como se, nossa, eu venci na vida. Eu consegui pedir uma segunda via do meu cartão de crédito! Yes!! Só tem uma grande massa de coisas pra fazer, coisa de adulto, cheias de burocracia e você não sabe nem por onde começar.

Eu não sei por onde começar, aliás eu, eu, eu não sei por onde começar nem acordando direito. Eu acordo e não sei o que vou fazer da minha vida [...]. Ser adulto é ter que lidar com datas o tempo todo, você tem data pra pagar isso, você tem data pra pagar aquilo, você tem data pra receber isso e você tem data pra um milhão de coisas. E, desculpa, eu não consigo, eu não consigo, eu mal consigo lembrar que dia é meu aniversário.

Eu tô fazendo este vídeo para falar pra vocês o que ninguém mais fala. Porque vocês vão crescer e vocês vão achar que vocês só vão ganhar liberdade. É tipo a última coisa que você ganha. Assim, é a última mesmo. Você só vai ganhar sua liberdade quando você tiver uns 70 anos, se aposentando. É aí, é a última coisa da sua vida adulta que você ganha é a sua liberdade.

Eu não assinei, eu não concordei com nada disso. Eu não falei que eu queria tudo isso, aliás eu nem falei que eu queria ser adulta. Eu nem falei que eu queria ser maior de idade. Eu nunca falei isso. Eu estaria muito bem tendo 17 anos pra sempre! Pra sempre! Sem poder ser presa! Pra sempre!

Enfim, é isso. Eu espero que você tenha gostado deste vídeo. Não se esqueça de curtir este vídeo caso você tenha gostado. E de se inscrever no canal. Eu não sei porque você não

seria inscrito ainda no canal. Se inscreve agora, se inscreve! Você pode também ir no blog para ver mais textos e vídeos. E é isso. Eu vejo vocês na semana que vem. Tchau!

V7 - “A verdade sobre ser adulto”

Eu odiava quando alguém estragava meus brinquedos. Eu tinha um primo que babava todos os meus ursinhos de pelúcia. Ainda tenho este primo, ele não morreu nem nada, mas ele não baba mais nos meus ursinhos de pelúcia.

“Vídeos sugestões para vocês, no Facebook, mais uma vez, afinal hoje é terça-feira e terça-feira é dia de vídeos sugestões no Facebook para vocês.”

Coisas que a gente pensava quando era criança.

O que que eu achava quando eu era criança? Eu achava muitas coisas. Por exemplo, eu achava que quando a gente rodava, e parava, e tudo continuava rodando, eu achava que era a gente enganando o mundo. Que a gente ficava rodando junto com o mundo e aí a gente parou de rodar, e o mundo continuou rodando e, ops... peguei você, mundo!

Mas, o que eu mais achava quando eu era pequena, era, que os adultos, sabiam absolutamente tudo o que eles estavam fazendo. Afinal, eles sempre sabiam as respostas para tudo! Eles estavam sempre certos. Eles sabiam como preparar comidas, curar doenças. Eles sabiam fazer curativos, eles nunca choravam. Meus adultos da minha vida não choravam. Eles estavam sempre sorridentes ou sérios, no máximo, mas chorar eles não choravam. Eles sabiam sempre quando ia chover ou fazer frio e eles falavam: “— leva o casaquinho”. Aí você falava: “— mas tá calor!”. Mas eles falavam: “— mas leva o casaquinho”. E aí você levava o casaquinho, e no final do dia tava frio... Como é que eles sabiam disso? Que ia ficar frio no final do dia... eles sabiam...

Adultos não tinham medo quando eu era pequena, eles não tinham medo. Eles sabiam como espantar fantasmas, e monstros, e sabiam te proteger de absolutamente tudo!

Apocalipse!? Meus pais saberiam me proteger do apocalipse, eu achava. Porque, pô, me protegiam de tudo! Dos bandidos, dos morcegos... uma vez minha mãe me protegeu dos morcegos... E aí eu pensei, pô, vou então virar adulto, e aí vou saber tudo isso. Vou saber me alimentar, vou saber... fazer curativos e tomar remédios, não vou chorar, vou saber quando faz frio e quando faz calor... várias coisas...

E aí eu virei adulto! E aí eu comecei a olhar os adultos, e eu falei: “— Gente! Não era nada disso!!”

A gente amadurece até uns 16 anos, daí pra frente, tudo se repete! As picuinhas, as intrigas e as briguinhas. Tudo a mesma coisa de quando você está na quinta série, mesma coisa, eu acho! Brigando porque alguém não deu presente. Briga porque não chamou pra ir não sei onde, ou briga porque sei lá. Uns motivos pra brigar que quando você é criança fala: “—Ai, isso vai parar aqui quando sou criança, quando eu ficar adulto, não vai ter mais estas picuinhas”. Vai ter!

“—Ele te traiu? Então trai ele de volta! E joga na cara dele!”

“— Ela não te chamou pra sair? Então sai com outras pessoas que ela não gosta e não chama ela!”

“— Ela falou mal de você? Então fala mal dela e bota no Facebook!”

Eles são superinseguros, continuam cheios de dúvidas, não sabem de nada. Eles têm medo! Agora eu descobri: eles morrem de medo de tudo o tempo todo. Eles têm várias incertezas e dúvidas que são cheios de questões. Choram à beça, vivem chorando adulto, só que escondem um pouco de quando você é pequeno. Mas é o dia inteiro chorando! Mentira... o dia inteiro, não, só à noite antes de dormir! Não realizei meus sonhos...

Eles ficam com ciúme! Eles têm inveja de outros adultos que também têm inveja de outros adultos. Eles são assim! A gente acha que não, a gente acha que eles já têm tudo resolvido... tá nada resolvido... nada! Ser adulto não é ser isso que você achava que era! Ao menos eu tinha outra ideia do que era. Não correspondeu, definitivamente.

Capítulo 5

Interpretações e interlocuções reflexivas

A fim de garantir máxima clareza à comunicação dos achados desta pesquisa, optamos por dividir o presente capítulo em duas partes.

Na primeira parte, apresentamos os campos de sentido afetivo-emocional produzidos interpretativamente a partir das impressões transferenciais vividas no encontro com os vídeos. A exposição dos campos, que se dá de forma sintética, segundo os delineamentos das pesquisas que vêm trabalhando com a operacionalização do método psicanalítico utilizada nesse trabalho (Ambrosio, Aiello-Fernandes, & Aiello-Vaisberg, 2013), corresponde ao atendimento do procedimento investigativo de interpretação do material.

A segunda parte visa atender ao procedimento investigativo de interlocuções reflexivas, que consiste em processo de reflexão sobre os campos à luz da contribuição de outros autores sobre as questões dramático-existenciais que neles se expressam. Vale notar, portanto, que os resultados propriamente ditos correspondem a nossas interpretações, não ao material em si.

Os campos de sentido afetivo-emocional são definidos como mundo emocionais habitados por indivíduos ou grupos, que se organizam ao redor de crenças, valores ou fantasias não conscientes. Recorremos a definições minimalistas para apresentar seus elementos essenciais e poder produzir conhecimento sobre questões humanas que, num plano mais aparente, emergem sob forma de condutas não imediatamente compreensíveis.

A consideração psicanalítica dos vídeos, transcritos no capítulo anterior, permitiu a proposição interpretativa de dois campos de sentido: “Manual para ser mulher” e “Do paraíso à infelicidade”. Ainda que tais campos não esgotem os sentidos do material estudado, pois as condutas humanas emergem de múltiplas camadas afetivo-emocionais, optamos por destacá-

los porque refletem questões importantes do debate científico contemporâneo sobre condição feminina e sofrimentos sociais de mulheres, considerando que, de acordo com Aiello-Vaisberg e Ambrosio (2006), a criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocional, em diálogo com a literatura científica, sustenta a produção de teorias locais que contribuem de forma rigorosa com debates entre pesquisadores, segundo uma visão do conhecimento como produção coletiva.

O material da presente pesquisa, que tem como objetivo investigar os imaginários coletivos de mulheres em relação à transição para a vida adulta, traz o estudo de vídeos de acesso público, disponibilizados no canal *YouTube*. Para selecioná-lo, consideramos duas expressões de busca distintas, na expectativa de acarear um resultado mais gendrado e outro mais neutro. Conforme nossa expectativa de que a inclusão da palavra “mulher” pudesse estimular associações menos neutras, a primeira busca “tornar-se mulher adulta” retornou quadro vídeos apresentados por mulheres, com convergências que apresentaremos a seguir; já a segunda busca resultou em oito vídeos, quatro apresentados por homens e quatro por mulheres, que se alinham a partir de uma configuração imaginativa comum, na qual o processo de transição para a vida adulta surge bastante dissociado da condição de gênero, como se seguisse um padrão unissex, no sentido de que seria basicamente o mesmo para homens e mulheres. Descartamos os vídeos de *youtubers* de sexo masculino, em função do objetivo ser o estudo do imaginário coletivo de mulheres sobre a transição para a vida adulta.

A estratégia de usar expressões diferentes para as buscas apresentou um quadro interessante, pois, num total de seis vídeos, houve três emergindo do campo “Manual para ser mulher”, três emergindo do campo “Do paraíso à infelicidade” e um vídeo emergindo de ambos os campos, o que corresponderia, numa figuração espacial do fenômeno, a duas camadas subjacentes, dispostas em diferentes alturas. Os dois campos de sentido afetivo-emocional dão acesso a dimensões intersubjetivas e a condições sociais que possibilitam

processos de diferenciações e singularizações individuais e coletivas (Aiello-Fernandes, 2018).

Campos de sentido afetivo-emocional

Na Tabela 10 é possível visualizar os sete vídeos que constituem o material de pesquisa a partir do qual os campos de sentido afetivo-emocional foram interpretativamente produzidos. Nota-se que um dos vídeos, registrado como V1, figura nas duas linhas, porque emerge a partir de ambos os campos. Tal configuração se explica pelo fato de que uma mesma conduta, principalmente quando é complexa, como uma manifestação de vídeo, pode emergir de mais de um campo de sentido afetivo-emocional.

Tabela 10
Campos de sentido afetivo-emocional derivados dos vídeos selecionados

Campos	Vídeos
“Manual para ser mulher”	V1, V2, V3, V4
“Do paraíso à infelicidade”	V1, V5, V6, V7

Apresentamos, a seguir, as definições minimalistas dos campos, ilustrando-os como exemplos de condutas que emergem a partir de cada um deles.

O campo de sentido afetivo-emocional “Manual para ser mulher” organiza-se ao redor da fantasia de que é preciso seguir certas regras e normas de gênero para estar na condição de mulher adulta, podendo as condutas que emergem a partir desse campo ser ilustradas com os seguintes trechos das transcrições:

“Não quer dizer que porque você é jovem, você vai ser imatura. Você pode vencer a imaturidade. E eu vou te dar a dica agora de como que você pode vencer. Como que você

pode ser uma jovem e ainda assim ser madura. Mesmo que você não tenha muitas experiências, mesmo que você não esteja é [...] numa vida difícil, você pode ser madura.”
(V2)

“É muito importante que você busque essa maturidade, essa responsabilidade [...] Que você busque pensar nas consequências. Então pensa sobre isso. [...] Eu preciso ser uma pessoa agora que pense nas consequências. E não importa de repente, hoje, a imagem que você tem é de uma pessoa imatura. É de uma pessoa irresponsável, mas você pode hoje mudar isso.” (V2)

“O vídeo de hoje vai ser um vídeo bem legal, onde eu vou dar ideias de looks e maquiagens. É para aquelas pessoas que têm aquele estilo mais mulher, que gosta desse estilo mais sensual, mais... ah, como é que eu posso dizer? No meu último vídeo, teve uma leitora que comentou comigo, que ela falou assim, que ela não se identificava muito com o estilo, que ela gosta de looks, assim, mais mulher. Vocês vão ver no vídeo que eu mais ou menos fiz o meu estilo, só que algo mais adulto. Acho que essa é a palavra.” (V3)

“Uma mulher poderosa se desafia diariamente. Como? Com novos pensamentos e atitudes. Arrisque-se, experimente e não espere por uma garantia. Arriscar-se é estar preparado para cair e levantar sem entrar no papel de vítima.” (V4)

O campo de sentido afetivo-emocional “Do paraíso à infelicidade” organiza-se ao redor da fantasia de que só se é feliz na infância, podendo as condutas emergentes desse campo ser ilustradas pelos seguintes trechos das transcrições:

“Nos livros que a gente está acostumado a ler como criança a gente não precisa fazer muita coisa, né. Porque o príncipe que está lá e a magia que está lá agindo. Os seres humanos quase não fazem nada, fica tudo atribuído a seres fantásticos. E depois você ainda é do reino, não precisa pagar conta, não precisa trabalhar. As pessoas são felizes para sempre,

não tem nada de fazer manutenção do relacionamento, das suas amizades, do seu casamento. É tudo muito simples.” (V1)

“Morar sozinho e ser adulto não é tão legal igual cê tá pensando! E a gente continua falando que não... que obrigação e tanta responsabilidade na cabeça da gente que vou te falar viu... não é fácil!” (V5)

“Eu consigo nem começar a dizer o quanto as coisas mudaram de quatro anos pra cá... porque quando você fica adulto, ninguém mais se importa se você tá doente ou não.” (V6)

“A gente amadurece até uns 16 anos, daí pra frente, tudo se repete! As picuinhas, as intrigas e as briguinhas. Tudo a mesma coisa de quando você está na quinta série, mesma coisa, eu acho! Brigando porque alguém não deu presente. Briga porque não chamou pra ir não sei onde, ou briga porque sei lá. Uns motivos pra brigar que quando você é criança fala: “— ai, isso vai parar aqui quando sou criança, quando eu ficar adulto, não vai ter mais estas picuinhas. Vai ter!” (V7)

Portanto, evidencia-se que a maioria dos vídeos emerge de um ou outro campo, exceto o vídeo de número 1 que traz condutas derivadas do primeiro e do segundo campos, embora predominem, como veremos, condutas emergentes de “Da infância à infelicidade”, campo em que a transição para a vida adulta figura de modo não gendrado. Entretanto, isso não impediu a ocorrência de associação entre felicidade e o surgimento de um príncipe, figura bastante significativa num contexto mais conservador sobre a vida da mulher.

Interlocuções reflexivas

O campo de sentido afetivo-emocional “Manual para ser mulher”, organizado ao redor da fantasia de que é preciso seguir certas regras e normas de gênero para ser mulher adulta,

revela um imaginário segundo o qual as mulheres precisariam ser instruídas para se constituírem como tal, o que gera algumas interrogações, na medida em que vigorou, e ainda vigora, no mundo ocidental, a ideia de que haveria uma natureza ou essência feminina. Como poderia uma mulher estar despreparada para assumir sua própria essência? Esta não se manifestaria espontaneamente? Ora, quando a essência ou natureza é usada para destinar pessoas a posições desfavoráveis no mundo social, como ocorre, por exemplo, com os negros (Aiello-Fernandes, 2013), estamos, certamente, diante de fenômenos de opressão geradores de sofrimentos sociais.

Ao adotar a perspectiva da psicologia psicanalítica concreta, consideramos todo sofrimento como socialmente produzido, na medida em que os humanos são seres sociais (Bleger, 1963/2007). Contudo, temos adotado o conceito de sofrimento social para designar padecimentos ligados a determinações sociais, como guerras, tortura, pobreza, discriminação e desigualdade (Ambrosio, Aiello-Fernandes, & Aiello-Vaisberg, 2013). As questões de gênero obviamente estão incluídas entre aquelas que geram efeitos subjetivos importantes em termos de sofrimentos sociais (Zanello, 2018), uma vez que somos pessoas gendradas, no contexto da crença em uma oposição binária dominante entre homens e mulheres. Mesmo que, na esteira de obras precursoras, como a de Simone de Beauvoir (1949), os estudos feministas tenham buscado, a partir das décadas de 60 e 70 do último século, uma desconstrução do feminino e da ideia de uma essência feminina, bem como dos lugares sociais problemáticos e desfavorecidos destinados à mulher (Scott, 1986), podemos afirmar que as mulheres são ainda alvos de discriminação, opressão e exclusão social.

De modo geral, os chamados estudos de gênero contrapuseram-se ao determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo e diferença sexual e, com a terceira onda do feminismo, especialmente com o trabalho de Butler (1990, 2018), ganhou força o pensamento de que a própria diferença sexual seria construída pelo processo de produção de gênero. Ou

seja, alguns estudiosos chegaram a criticar a ideia de que haveria um corpo biológico prévio ao corpo socialmente produzido, que posteriormente seria lido – principalmente pelas ciências humanas, filosofia e psicanálise – por meio dos símbolos e imaginários coletivos. Nessa linha de pensamento, os gêneros teriam sido socialmente produzidos com base biológica original, num movimento claramente tributário do mito do ser humano natural, abstrato e separado das condições concretas da vida social (Bleger, 1963/2007).

A terceira onda do feminismo trouxe, portanto, um movimento de desconstrução da identidade de gênero como fixa e atemporal, apontando que esse conceito seria herdeiro de uma tradição da metafísica ocidental marcada pela ideia de substância, que traz, em seu bojo, um processo de abstração do ser humano das condições sociais concretas das quais personalidades, imaginários coletivos e experiências emergem. O sujeito gendrado seria, assim, o resultado de repetições sociais constitutivas que impõem efeitos substancializantes, ou seja, o gênero não seria uma realidade estável, mas algo que se produz a partir do que Butler (1990/2018) denominou de *performances* – uma série de repetições estilizadas de atos originados de um processo de normalização e coação social, que obrigam o corpo e a subjetividade a tornar-se mulher ou homem em uma sociedade organizada por uma matriz binária e hierárquica entre masculino e feminino.

No campo “Manual para ser mulher”, notamos a repetição e reiteração de normas de gênero que condicionam o tornar-se mulher adulta em nossa sociedade. Assim, coerentemente com os pressupostos de uma psicologia concreta, que entende o inconsciente como realidade intersubjetiva emergente de campos sociais concretos, e não como interioridade metapsicológica a ser projetada sobre o social, interpretamos esse campo como atualização de normas sociais e culturais que prescrevem padrões sobre como deve ser a mulher adulta.

Segundo Zanello (2018), enquanto os homens em nossa cultura são valorizados principalmente em relação aos ideais de virilidade sexual e de capacidade laborativa e

financeira, estando seus modos de sofrer ligados a situações nas quais não logram atender tais prescrições, as categorias valorizadas para as mulheres, condicionadas à origem de suas formas de sofrer, estariam organizadas ao redor de três eixos: renúncia sexual, traços de caráter relacional e beleza estética. Assim, as comunicações das *youtubers* que se ocuparam do tornar-se mulher adulta demonstram que seguir certas regras possibilita transformar-se e vir a ser reconhecida como mulher adulta.

Nessa perspectiva, vemos, no material empírico, a apresentação de um tutorial de maquiagem, sugerindo que se a jovem o seguir, poderá vestir-se, sentir-se e ser vista como uma mulher adulta. Há a ideia de que o construir a si mesma, literalmente, de acordo com um modelo estético, transformaria a menina em mulher. Lembramo-nos, aqui, facilmente das brincadeiras da criança que se veste com a roupa da mãe para fazer de conta que é mulher adulta. Deflagra-se, assim, um imaginário que revela a fantasia segundo a qual a mulher adulta precisa ser sensual, elegante e cultivar comportamentos que deem a impressão de uma certa ousadia. Desse modo, ocorre uma moralização do corpo feminino, cabendo à mulher cumprir o dever de ser bela. Não surpreende constatar que somos cotidianamente bombardeados por imagens que veiculam um padrão ideal inalcançável pelas inferiores, conforme ilustrado pelos exemplos de comunicações abaixo:

“O vídeo de hoje vai ser um vídeo bem legal, onde eu vou dar ideias de looks e maquiagens. É para aquelas pessoas que têm aquele estilo mais mulher, que gosta desse estilo mais sensual, [...] eu acho que cada ocasião pede um tipo de roupa, sabe, pede um tipo de look, claro que você tem que ter o seu estilo. Vocês vão ver no vídeo que eu mais ou menos fiz o meu estilo, só que algo mais adulto. Acho que essa é a palavra. [...] Olha só como é que ficou bonito! [...] Aí você pode colocar a cor de batom que você quiser. Eu ia colocar um vermelho, mas daí eu vi que essa cor ia supercombinar, que é um marsala. Que eu acho que

ficou bem lindo. E assim ficou a maquiagem, gente. Olhem como ela ficou, assim, bem elegante! Eu adorei!” (V3)

“O segundo look é o mais ousado e sei que vai ter muita gente que não vai gostar, mas eu quis trazer algo bem ousado pra vocês. [...] Eu acho que é muito parecido com os looks que a Kendall Jenner usa, sabe?! [...] Eu quis trazer algo, assim, mais adulto, né.” (V3)

Num outro trecho percebemos mais claramente que há um jeito de ser o que é designado como mulher poderosa. Novamente, o material mostra que o sucesso, que corresponde a ser vista como mulher adulta, depende da observação, minuciosa e passo a passo, de uma receita. Defrontamo-nos com uma situação paradoxal: a jovem submete-se a uma fórmula, que inclui prescrição de exercícios comportamentais, para *parecer* capaz de autonomia e de assumir riscos:

“[...] vou trazer pra vocês 10 dicas sobre como ser uma mulher poderosa. [...] Na nossa zona de conforto estão todos os pensamentos, sentimentos e ações que nós estamos acostumados a repetir diariamente. O que é esta zona de conforto? É basicamente este estado de rotina que não nos permite crescer. [...] Arrisque-se, experimente e não espere por uma garantia. Arriscar-se é estar preparado para cair e levantar sem entrar no papel de vítima. E agora vem o grande segredo! A grande dica para arriscar mais no seu dia a dia. Enfrente pelo menos um medo diariamente. Seja ele de falar em público, conversar com desconhecido, aceitar críticas, enfrentar alguma situação desfavorável, ou seja, tudo aquilo que você está fugindo: Faça! Realize! Arrisque! Crie uma vida extraordinária, onde superar seu desafio e brilhar inspire o mundo a brilhar também.” (V4)

A análise deste campo, “Manual para ser mulher”, denota que o despreparo e a necessidade de ser instruída, imaginativamente fantasiada, requereria submissão a algo socialmente aprovado. Ora, a mulher aqui fantasiada paradoxalmente como despreparada, mas dotada de uma essência, que dela deveria brotar espontaneamente, estaria pronta para cair numa cilada: *submeter-se* de modo imaturo para *parecer* uma pessoa capaz de enfrentar desafios da vida adulta.

Selecionamos um trecho do material pesquisado que ilustra algumas regras para se tornar uma mulher adulta de bem:

“Você de repente é aquela jovenzinha, protegida, que não tem suas experiências. E, às vezes, você quer se rebelar falando assim para sua mãe, pro seus pais: ‘— Me deixa, me deixa bater de cabeça, me deixa, eu tenho que amadurecer’, não é? Vocês já não viram falar disso? Já viram isso nas novelas também.” (V2)

Mas, a seguir, fica patenteado que o próprio desejo de autonomia da mulher jovem poderia se consistir como um equívoco:

“Mas a verdade é a seguinte [...] ela teve essa reação porque ela é imatura [...] você pode vencer a imaturidade. E eu vou te dar a dica agora, de como que você pode vencer. A pessoa madura, ela [...] vamos pensar, assim, numa pessoa. Pensa agora numa pessoa que você conhece que seja madura. Aí você fala assim: “Ah, ela é sábia. Ah, ela vê as coisas longe, ela pensa antes.” (V2)

Chegamos, assim, a conclusões que desaconselham a busca por experiências pessoais que seriam substituídas por noções de que as pessoas maduras devem pesar as consequências de seus atos – o que, à primeira vista, parece algo bastante razoável, condizente, inclusive,

com concepções freudianas acerca dos princípios do prazer e da realidade (Freud, 1911), no sentido de que seria prudente levar em conta o custo da realização de certos desejos.

“A pessoa confiável e responsável é a pessoa que pensa nas consequências dos seus atos [...] A imatura, ela não vê consequências, ela é inconsequente. Ela fala, ela fala, [...] ela reage, [...] ela responde, tudo o que ela faz é sem se preocupar com as consequências. Já aquela pessoa responsável e confiável, ela se preocupa com as consequências [...] essas coisas, conseqüentemente, vão levar pra que você tenha uma imagem de uma pessoa imatura. Uma imagem de uma pessoa que não se pode confiar as coisas.” (V2)

Contudo, logo a seguir, aparece uma definição bastante curiosa acerca de quais seriam as consequências a serem evitadas, de que não se trata de refletir sobre cultivo de valores mais amadurecidos, como autenticidade, fidelidade a si mesmo, solidariedade, respeito à liberdade e à dignidade das pessoas, mas simplesmente de cuidar de não perder a aprovação dos demais, ou seja, de algo bastante característico de formas de pensamento moralistas e conservadoras. Em suma, a mulher adulta jovem deveria ter uma única meta: garantir que seu comportamento seja sempre aprovado pelos demais, a partir do cuidado com a reputação, com a imagem:

“Então, você pensando nas consequências, você vai então tomar a decisão certa. Porque você não quer consequências ruins, erradas. Você não quer depois falar com a sua mãe brigando, você não quer depois estar lá com as pessoas não confiando em você. Falando que você, poxa. Ninguém pode confiar nela. Ah, olha só, você virou uma bagunceira. Você não cuida das suas coisas. Você não cuida de você mesma [...] então, você leva tudo na brincadeira. Você é uma pessoa que não é confiável. Conseqüentemente, não é responsável. E, conseqüentemente, é vista como imatura.” (V2)

Alcançamos, por esta via, um ponto em que ocorre o esperado: o *ser* madura se transmuta em *ser vista* como madura, em *parecer* madura para o outro. Assim, concebe-se que o ser deriva do parecer, e não o contrário, porque, ao que tudo indica, não se visa favorecer um verdadeiro processo de amadurecimento da mulher, mas sua submissão a padrões socialmente valorizados:

“Eu vou agir assim, porque se eu não agir assim, lá na frente eu vou ter problema. Então, o que acontece? Você é vista como uma pessoa madura. Você é vista como uma pessoa responsável. E não só vista. Se você age assim, você é assim. Então, você se torna uma pessoa que as pessoas podem confiar. Você se torna uma pessoa que é vista como uma pessoa madura.” (V2)

Esses trechos em conjunto indicam a fantasia de que a mulher jovem se defronta com duas possibilidades: pensar nas consequências dos seus atos para ser vista como madura, confiável e responsável, o que, na prática, significa atender às expectativas sociais vigentes sobre bom comportamento feminino, ou agir diferentemente e ser reprovada por todos.

O corolário desta visão facilmente previsível também se revela bastante interessante. Não se trata de alcançar, por exemplo, admiração, e sim de obter uma aprovação que permita que a jovem seja convocada a assumir responsabilidades que incluem várias responsabilidades relativas a tarefas e cuidados. Assim, aquelas que querem viver suas próprias experiências são consideradas imaturas e conclamadas a se comprometer com processos de regeneração para serem premiadas com a recuperação da confiança alheia:

“[...] de repente, hoje, a imagem que você tem é de uma pessoa imatura. É de uma pessoa irresponsável, mas você pode hoje mudar isso. É claro que não vai ser de uma hora

pra outra, você vai ter que praticar isso. Você vai ter que colocar em prática. Vai ter momentos que vão ser difíceis, porque é muito fácil ser insequente, é muito fácil você fazer as coisas. O difícil é exatamente isso: pensar nas consequências e ser responsável. Isso é difícil!” (V2)

As boas consequências que a transformação pessoal daquelas que seguem as prescrições corretas obtêm são claras, consistindo, exata e precisamente, em se qualificarem para assumir encargos e seguir usufruindo de boa reputação entre os demais:

“E, sendo assim, você vai ser uma jovem madura. Uma jovem que as pessoas podem contar com ela. Uma jovem que pode ser confiada grandes responsabilidades, grandes coisas.” (V2)

Notam-se aqui ressonâncias que nos lembram as preocupações de Winnicott (1975; 1965/1982; 1945/2000) com questões centrais como autenticidade e submissão, considerados por muitos elementos organizadores de seu pensamento clínico e psicopatológico (Aiello-Vaisberg, 2012; Aiello-Vaisberg, 2006; Newman, 1995/2003; Greenberg & Mitchell, 1983/1994), e que certamente pagam algum tributo às interações com Laing⁵.

Para Newman (1995/2003), o termo submissão – uma doença que se contrapõe à autenticidade e à espontaneidade⁶ – é tão comum no texto winnicottiano quanto as palavras mãe e bebê, constituindo-se, talvez, como a palavra-chave do pensamento desse autor.

⁵ As questões da autenticidade e da submissão, tematizadas mediante o uso dos conceitos de falso e verdadeiro selves, parecem estar associadas a interlocuções que Winnicott estabeleceu, na qualidade de supervisor clínico, com Laing (Thompson, 1999).

⁶ No contexto da obra winnicottiana, a espontaneidade não se confunde, de modo algum, com a impulsividade, porque a primeira permite que o outro seja vivido como alteridade, e a segunda não. Nesse sentido, como distingue a pena de Cooper (1989), o pensamento do psicanalista inglês e os conceitos de espontaneidade, impulsividade e submissão convergem com termos antipsiquiátricos de sanidade, doença e normalidade.

O problema da submissão surgiu, no contexto do estudo dos processos de constituição de *self*, quando Winnicott (1960/2001) afirmou que o falso *self* teria início na submissão demandada por mães com mais dificuldade em atender as necessidades dos bebês. Desta feita, compreendemos porque, na perspectiva winnicottiana, o falso *self* desempenharia a importante função de ocultar o *self* verdadeiro, enquanto o bebê se submetia às exigências maternas, quando não está recebendo cuidados satisfatórios. Certamente, a submissão não ocorre apenas, de modo importante, na vida do lactente, embora se revista de um caráter especial porque seria a única alternativa de um ser bastante dependente que, quando enfrenta angústias muito fortes, pode ser lançado facilmente a penosos estados de desintegração, denominados agonias impensáveis (Winnicott, 1994/1968).

Contudo, mesmo que a submissão não assuma, em outros períodos da vida, o mesmo significado que apresenta durante o processo de constituição de *self*, vale dizer, durante a emergência da pessoa enquanto tal, não há como negar que, em resposta à dominação, atingindo diretamente o sentido de liberdade individual, constitua-se em um problema humano absolutamente fundamental. A nosso ver, trata-se de uma questão nuclear do pensamento winnicottiano, que ultrapassa o período de vida do lactente, e se articula harmonicamente com uma teorização tributária do paradigma da psicanálise relacional (Bermejo, 2017) que, de saída, mostra que certas questões só podem ser compreendidas a partir de uma perspectiva intersubjetiva. Todas as formas de submissão, contrapartida de todas as formas de dominação, guardam em comum o fato de consagrar-se como condutas violentas que atingem o sentido mais profundo do que consideramos como personalidade humana, na sociedade ocidental e na época em que vivemos.

Com as devidas precauções, podemos refletir sobre o fato de termos encontrado, no material de nossa pesquisa, indicadores de que atitudes de submissão estão sendo prescritas como fórmula de obtenção de êxito no processo de tornar-se mulher adulta. Recomendações

para que a jovem seja como o outro quer, em termos de aparência e de comportamento, admitem facilmente a conclusão de que a mulher se torna uma adulta quando consegue agradar os demais, havendo inclusive uma insinuação no sentido de que quanto mais a pessoa se esforçar para agradar, mais facilmente se tornará aquilo que quer aparentar. Valores outros, ligados fundamentalmente à importância da verdade emocional, são meramente descartados, sem motivar nenhuma reflexão, permitindo que afirmemos que o campo de sentido afetivo-emocional “Manual para ser mulher” expressa, primariamente, um movimento no sentido da normalização adaptada e não uma busca saudável de amadurecimento baseada em posicionamentos autênticos, espontâneos, respeitosos e solidários.

A nosso ver, a percepção de que encontramos, na internet, ao buscar manifestações relativas ao tornar-se mulher adulta, material evidentemente moralista e conservador, constitui-se um achado de pesquisa, na medida em que cultivamos o esperado rigor no atendimento a exigências metodológicas. Essa constatação pode ser ainda mais ressaltada ao levarmos em conta aquilo que emerge quando usamos uma palavra de busca menos gendrada, mais neutra, no sentido de unissex, o “tornar-se adulto(a)”, selecionando produções de *youtubers* de sexo feminino, resultando no campo de sentido afetivo-emocional “Do paraíso à infelicidade”, ao qual todos os seres humanos estariam submetidos, como se as trajetórias de vida de homens e mulheres, em nossa sociedade, não fossem muito diferentes.

A primeira questão que surge, diante desse segundo campo, diz respeito a como se torna possível discorrer sobre a passagem da infância à vida adulta sem levar em conta a questão do gênero, no sentido de fantasiar que homens e mulheres seguiriam os mesmos caminhos. Estaríamos frente a manifestações que seriam comuns a homens e mulheres concretos? Ou estaríamos diante de um movimento que, conforme referem Dussel e Guillot (1975), toma um dos polos do gênero, o masculino, como sinônimo da forma acertada de manifestação do humano, considerando o outro, o feminino, como manifestação prejudicada

do que poderia estar íntegro?⁷ Falamos em ser adulto, no masculino, porque, homens e mulheres vivenciam os mesmos desafios e problemas ou porque, no fundo, o que importa é o masculino como sinônimo de humano em toda sua plenitude?

Ao refletir sobre o campo de sentido afetivo-emocional “Do paraíso à infelicidade”, constatamos uma fantasia conforme a qual a entrada na adultez encontra o(a) jovem em condição de despreparo para enfrentar os desafios da vida, porque despreparado(a) para se tornar independente de cuidados alheios. Além disso, chama a atenção a desconsideração de diferenças de gênero, que se tornam despercebidas, já que a passagem é concebida, aparentemente, como universal.

Assim, a entrada na vida adulta figura, nesse imaginário, como um peso, aborrecimento e infortúnio, já que enfrentará cobranças materiais e emocionais de amadurecimento, enquanto a infância permanecerá fantasiada, salvaguardada e onipotente, aquém da obrigação de cuidar de suas próprias necessidades, e aquém das diferenças entre gêneros, pois as meninas seriam, no universo infantil, tão cuidadas como os meninos:

“O que que eu achava quando eu era criança? Eu achava muitas coisas. Por exemplo, eu achava que, quando a gente rodava, e parava, e tudo continuava rodando, eu achava que era a gente enganando o mundo. Que a gente ficava rodando junto com o mundo e aí a gente parou de rodar, e o mundo continuou rodando e, ops... peguei você, mundo!” (V7)

“Ser adulto não é fácil, né? [...] Quando a gente era adolescente e criança a gente odiava ser cobrado. Era tenso, toda vez que sua mãe te mandava fazer uma coisa ou que ela te perguntava se você já tinha pagado uma conta ou se você já tinha limpo seu quarto. Era uma bosta, era! Mas quando você passa a ser adulto, quem faz as cobranças é você.” (V5)

⁷ Certamente, nessa pergunta, ecoam ressonâncias de ideias freudianas segundo as quais a oposição sexual não se daria, primariamente, no mundo imaginativo, entre o masculino e o feminino, mas entre o fálico e o castrado.

O tipo de experiência, aqui evocada como característica da infância e da adolescência, leva-nos a conjecturar que estamos diante de um quadro, provavelmente mais comum entre a classe média consumista, no qual filhos são, independentemente do sexo biológico, eximidos da responsabilidade das tarefas domésticas e exortados a se dedicarem aos estudos, a atividades paralelas de formação e ao lazer. Assim, antigos hábitos que postulavam ser parte da educação feminina a assunção de algumas tarefas domésticas pelas meninas tem sido sistematicamente descartadas, mesmo que ainda vigore a dupla jornada de trabalho para as mulheres adultas (Barbosa & Alvarez, 2016; Madalozzo & Blofield, 2017; Queiroz & Aragón, 2015; Vieira & Amaral, 2013). O fato se explica, provavelmente, por uma conjuntura complexa, na qual se articulam aspirações feministas com a manutenção da empregada doméstica, elemento fundamental na dinâmica de muitas famílias e que permite que a mãe dispense a ajuda das filhas (Brites, 2007; Macedo, 2016; Teixeira, Saraiva, & Carrieri, 2015). Nessa linha, Kehl (2004) aponta que condições como o aumento do período de formação escolar, um mercado de trabalho altamente competitivo e a baixa oferta de vagas de emprego contribuem para que a adolescência seja cada vez mais prolongada, mantendo a dependência da família sem assumir responsabilidades ou decisões. Nas classes média e alta, a perspectiva é seguir os estudos além da graduação, o que implica em retardar o início da atuação profissional, permanecendo financeiramente dependente. Como vivemos numa economia capitalista, essa adolescência tardia, que certamente acarreta problemas, pode se tornar uma nova fatia do mercado consumidor, fenômeno que favorece o desenvolvimento de uma cultura adolescente hedonista, na qual adolescentes e jovens adultos desfrutam de liberdades da vida adulta, mas são poupados de muitos deveres e responsabilidades.

Temos a impressão de que a transição, focalizada pelos vídeos que emergem a partir do campo “Do paraíso à infelicidade”, diz respeito à perda de uma situação que se caracteriza pelo fato de pessoas adultas, em geral os pais e as empregadas domésticas, cuidarem

praticamente de todas as questões pragmáticas, necessárias à vida individual, excetuando providências diretamente ligadas ao estudo propriamente dito. Sob os cuidados desses adultos parentais, a ligação com as tarefas práticas cotidianas pode ser quase ignorada:

“Você quer comer alguma coisa, abre o armário e não tem nada! É o mundo falando pra você que você esqueceu de fazer a compra do mês. Ou, pior ainda, que seu dinheiro do mês já acabou e que você não tem grana nem pra comprar um mexidão, na esquina, pra se alimentar...” (V5)

“Todo mês quando você vai pagar o aluguel, geralmente o mês inteiro a gente esquece, daí chega no dia de pagar o aluguel... cara... é uma tristeza, é uma depressão... dá vontade de voltar pra cama e ficar lá...” (V5)

Nesse campo de sentido afetivo-emocional, a vida adulta surge como basicamente desconfortável e até assustadora:

“Parecia que era mais divertido, não parecia? Pois é... [...] Eu consigo nem começar a dizer o quanto as coisas mudaram de quatro anos pra cá... porque quando você fica adulto, ninguém mais se importa se você tá doente ou não [...] Sua doença não é uma prioridade pro mundo [...]. Não importa, você vai ter que sair, você vai ter que viver.”(V5)

“Ser adulto não é ser isso que você achava que era! Ao menos eu tinha outra ideia do que era. Não correspondeu, definitivamente.” (V5)

Em outros termos, a perspectiva de cuidar de si mesmo é aqui imaginada como desamparo, apresentando, do ponto de vista psicológico, notável semelhança com um fenômeno característico da adolescência estudado por Aberastury e Knobel (1971)

denominado “perda dos pais da infância”. Os pais, sempre presentes, em nossa sociedade, em condições tidas como altamente desejáveis, do ponto de vista imaginário, seriam simultaneamente protetores e poderosos, seres que certamente poderiam nos frustrar quando decidissem que algo não nos deveria ser proporcionado, mas que nos livrariam de perigos, antes mesmo que pudéssemos imaginá-los, enquanto se esforçariam para que obtivéssemos muitas gratificações ao longo da vida. Na prática, “os pais da infância” correspondem a uma fantasia, pois, como ensina a psicanálise inglesa, nenhuma mãe ou pai teria condições de proporcionar apenas experiências satisfatórias, sendo que a melhor mãe chegaria, no máximo, a revelar-se como suficientemente boa (Winnicott, 1975;1965/1982;1945/2000). Entretanto, nas classes médias, certas práticas cotidianas de cuidado com os filhos podem concorrer fortemente para fortalecer crenças de que os pais cuidarão sempre dos filhos e que os filhos sempre dependerão dos pais, em contrapartida. Provavelmente, o fenômeno seria menos frequente nas camadas subalternas, já que aí a luta pela sobrevivência aconteceria de modo incomparavelmente mais dramático, devido a condições concretas extremamente difíceis de serem enfrentadas (Singer, 2011).

Assim, estabelecendo uma interlocução com Aberastury e Knobel (1971), podemos considerar que neste campo figura uma situação bastante semelhante àquela que, ao longo do século XX, surgia, na clínica psicanalítica, na expressão de pacientes mais jovens, no contexto da entrada na adolescência/final da infância. Portanto, parece legítimo indicar que a questão desta pesquisa diz respeito a como se dá concretamente a transição para a vida adulta para jovens de classe média brasileira, que fazem parte de uma sociedade para a qual a existência de largos contingentes cronicamente empobrecidos representa um sério problema geral – mesmo que alguns grupos econômicos possam disso tirar proveito. Também podemos conjecturar se esse problema se apresenta do mesmo modo para jovens de sexo feminino e masculino. Parece-nos que sim, na medida em que provavelmente vige, nesse ambiente

sociocultural, um tratamento igualitário de filhos e filhas – com sobrecarga provável dos pais e, mais especificamente, da mãe e da empregada doméstica.

É fato que, em nosso país, as vidas de homens e mulheres com diploma de nível superior parecem bastante semelhantes, enquanto as pessoas seguem solteiras ou, talvez, durante uma fase inicial do casamento, antes do nascimento dos filhos. Entretanto, se diferenciarão com o advento da maternidade e da paternidade. Zanello (2018) aponta que o nascimento dos filhos coloca exigências diversas para homens e mulheres, de modo que eles seguem perseguindo o objetivo de se tornarem melhores provedores, mesmo que já estejam se adaptando a receber contribuição financeira das esposas para o sustento familiar, enquanto elas devem se encarregar do cuidado dos filhos, das tarefas domésticas, da vida laboral e da manutenção de sua própria beleza e atratividade sexual, contando com o apoio da escola e de empregadas domésticas – mulheres provenientes de classe social desfavorecidas, com baixo nível de instrução, que sofrem opressão interseccional na qual se cruzam condições de gênero, raça, classe com discriminação social à própria profissão (Crenshaw, 2012; Santos, 2010).

São perfeitamente compreensíveis os achados de Zanello (2018) quando aponta que os modos de sofrer de homens e mulheres variam de acordo com, como a teoria foucaultiana entende, dispositivos sob os quais as pessoas estariam inscritas. Os homens seriam exigidos e, conseqüentemente, sofreriam em função de questões que envolvem afirmação viril, com destaque ao papel de provedor, enquanto as mulheres apresentariam predominantemente queixas de relacionamento – amorosas, familiares e outras, na medida em que suas trajetórias de vida acumulassem frustrações e dificuldades ligadas ao casamento e à maternidade, áreas decisivas para sua realização pessoal.

Portanto, nossa pesquisa e nossa experiência clínica nos levam a pensar que, nos tempos atuais, a entrada na vida adulta se dá, para a mulher de classe média que tem condições de estudar, em duas fases. A primeira consistiria em elaborar a “perda dos pais da

infância” para assumir providências básicas que garantem um manejo satisfatório das questões do cotidiano em nossa sociedade. Trata-se, como se vê, da conquista de uma certa independência, aquela possível para seres fundamentalmente sociais, que sobrevivem e vivem imersos em contextos intersubjetivos e inter-humanos (Bleger, 1963/2007). Essa primeira fase seria basicamente comum a homens e mulheres solteiros e, eventualmente, para pessoas casadas sem filhos e se expressa, na presente investigação, por meio do campo de sentido afetivo-emocional “Do paraíso à infelicidade”. A segunda fase, especificamente feminina, diz respeito a cumprir exigências sociais, segundo as quais casar e assumir a maternidade seriam condições *sine qua non* de realização para a mulher, equiparando-as às suas mães e tias, invocadas pelas *youtubers*, por suas incríveis capacidades de cuidado.

Para finalizar, retomamos o vídeo 1, o único que emerge simultaneamente a partir dos dois campos de sentido afetivo-emocional aqui criados/encontrados, julgando importante destacar uma alusão sutil ao casamento:

“[...] Nos livros que a gente está acostumado a ler como criança a gente não precisa fazer muita coisa, né. Porque o príncipe que está lá e a magia que está lá agindo. Os seres humanos quase não fazem nada, fica tudo atribuído a seres fantásticos. E depois você ainda é do reino, não precisa pagar conta, não precisa trabalhar. As pessoas são felizes para sempre, não tem nada de fazer manutenção do relacionamento, das suas amizades, do seu casamento. É tudo muito simples.”⁸ (V1)

Esse trecho, a nosso ver, destaca-se no presente contexto dada a prevalência, entre nós, de contos de fadas com princesas como personagens principais, salvas pelo casamento. Aproximam-se as formulações, teoricamente bastante distanciadas entre si, como aquela de

⁸ Os grifos são nossos.

Colette Dowling (1981) e as de Zanello e Porto (2016), que apontam para a importância central que o fato de ser escolhida por um homem como esposa adquire na trajetória da vida feminina. Essa visão foi detectada em pesquisa recente sobre relações amorosas na adolescência, realizada em nosso grupo de pesquisa, na qual o estudo de um curta-metragem indicou que ser notada por um rapaz, fantasiado como príncipe, é decisivo na busca da menina por sentir-se aprovada e, deste modo, viva (Silva et al., 2017).

A figura do príncipe confunde-se aqui com a magia da infância, concebida como reino onde todos os sonhos podem se realizar, porque seres mágicos e fantásticos encarregam-se de cuidar dos problemas humanos. Ou seja, podemos indagar acerca de uma possível condensação, no sentido freudiano do termo, entre os pais provedores/salvadores e o príncipe encantado, o que indicaria a ação de dinamismos psicossociais que incentivam a submissão da mulher na linha de um certo infantilismo. O fenômeno certamente adquire contornos complexos, na vida cotidiana, porque essa mulher infantilizada, que permanecerá em busca da aprovação constante do outro, que eventualmente a redime, retirando-a na chamada “prateleira do amor” (Zanello, 2018), também será aquela que arcará com a dupla jornada, dominando com desenvoltura o ambiente doméstico na medida em que se mantém paradoxalmente submissa a imaginários conservadores atualmente vigentes acerca do casamento e da maternidade, além de ser aquela que provavelmente liberará a filha das tarefas da casa, apoiada no trabalho da doméstica, até certo ponto iludindo-se e iludindo-a acerca do que prescrevem as exigências sociais concernentes aos deveres das mulheres. A jovem filha, então, desconhecendo a opressão explícita que suas antepassadas sofreram lavando louças e roupas usadas por seus irmãos, se encontrará confusa e desamparada, talvez antevendo, por meio de uma angústia difusa, que questões existenciais fundamentais não estão sendo colocadas, recorrendo a falas deste tipo:

“E aí bem-vinda à vida adulta de fato! Nada é dado pra você de mãos dadas, aliás você não tem a menor noção do que você está fazendo. [...] Eu descobri que eu sou muito, muito ruim em ser adulta. A maior parte do tempo eu só fico olhando com cara de confusa pra todo mundo. Sem entender nada do que está acontecendo, nada! [...] Eu não assinei, eu não concordei com nada disso. Eu não falei que eu queria tudo isso, aliás eu nem falei que eu queria ser adulta.” (V6)

Confundir o ditado “nada é dado de mãos beijadas” com “nada é dado de mãos dadas” merece atenção. Nada vem de graça porque, afinal, tudo – inclusive a própria manutenção da vida cotidiana – depende de esforço humano, um cem número de atos, práticas e gestos. Preparar um café da manhã, por exemplo, depende do trabalho de muitos e deve parecer mágica apenas para os infantes – pelo menos segundo nossas concepções acerca dos bebês⁹. Lutar contra a realidade de que vivemos num mundo produzido por nossos esforços é empreitada fadada ao fracasso. Ou, se a intenção fosse questionar que não sejamos capazes de dar de mãos dadas, estaria em jogo não exatamente a necessidade do trabalho, mas trabalhar num ambiente humano pautado por mais solidariedade, proximidade e igualdade, numa clara opção contra dinamismos de dominação e submissão.

Embora tais questões estejam levantadas, esta pesquisa não pretende respondê-las, considerados seus objetivos e as limitações de trabalhos científicos. Contudo, apontamos como reflexões produtivas no atual momento histórico as tentativas de tornar mais visíveis e respeitados todos os trabalhos que visam a sustentação da vida humana, feitos pelas mulheres e pelos homens, bem como lutar para que venham a prevalecer, na sociedade, modos menos competitivos e agressivos de convivência.

⁹ Lembramos aqui que, como bem mostram DeLoache e Gottlieb (2000), nossas crenças sobre os bebês são culturalmente determinadas e correspondem a variadas possibilidades de conceber os primórdios da vida individual.

Referências bibliográficas

- Aberastury, A., & Knobel, M. (1971). *Adolescência normal*. Buenos Aires: Paidós.
- Aiello-Fernandes, R., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). O método psicanalítico como abordagem qualitativa: Considerações preliminares. In: *Anais da X Jornada Apoiar: O laboratório de saúde mental de psicologia clínica social – 20 anos – o percurso e o futuro* (pp. 306-14). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Fernandes, R. (2013). *Da entrada de serviço ao elevador social: Racismo e sofrimento*. 146 p. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Recuperado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/317>.
- Aiello-Fernandes, R., Assis, N. D. P., Silva, R. D. M., Leão, T. S., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Racismo na MPB: Um estudo psicanalítico. In: *Anais da XII Jornada Apoiar – “A clínica social: Propostas, pesquisas e intervenções”* (pp. 184-201). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Fernandes, R.; Leão, T. S., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). “Maldito Vírgula”: Imaginário sobre racismo na obra de Itamar Assumpção. In: *Anais da XIII Jornada Apoiar – Cuidado e Prevenção em Saúde Mental: Propostas e pesquisas* (pp. 344-57). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Fernandes, R.; André, D. P., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Pretobrás: Porque eu não pensei nisso antes”: Racismo em composições de Itamar Assumpção. In: *Anais da XIV Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas e pesquisas* (pp. 372-87). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Aiello-Fernandes, R.; Rosado, A. F. P.; Freitas, D. D.; Feriani, G. P.; Morelli, I. D. R.;
Carvalho, J. M. T.; Silva, L. A. C.; & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Cidade de Deus”: Imaginários coletivos sobre racismo. In: *Anais da XIV Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas e pesquisas* (pp. 361-371). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aiello-Fernandes, R. (2018). *Racismo e Psicanálise em Produções Acadêmicas*. 181p. (Tese, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Recuperado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1055>.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: Transicionalidade e ensino de psicopatologia* (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo).
doi:10.11606/T.47.2006.tde-24022006-090139.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2006). O ser e o fazer na clínica ampliada e a radicalidade psicopatológica do pensamento de D. W. Winnicott. In: D. Calderoni (Org.). *Psicopatologia: Clínicas de hoje*. São Paulo: Via Lettera.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). Paradoxo e loucura: A radicalidade do pensamento psicopatológico de D. W. Winnicott. In: I. Z. Sucar; H. de M. Ramos. (Orgs.). *Winnicott ressonâncias*. (1a ed., v. 1, pp. 231-8). São Paulo: Primavera Editorial.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo clínico ser e fazer: Resposta crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. In: *Boletim – Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), pp. 41-62.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Ambrosio, F. F. (2006). Imaginários coletivos como mundos transicionais [Apresentação]. *Cadernos ser e fazer: Imaginários coletivos como mundos transicionais*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Ambrosio, F. F. (2013). *O estilo clínico ser e fazer na investigação de benefícios clínicos de psicoterapias*. 2013. 114 p. (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Recuperado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/452>.
- Ambrosio, F. F., Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Pesquisando sofrimentos sociais com o método psicanalítico: Considerações conceituais. In: *Anais da XI Jornada Apoiar – Adolescência: Identidade e sofrimento na clínica social*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Aparício-Castillo, P. C. (2013). Educar e trabalhar em contextos de precariedade e desigualdade na América Latina. *Jovens em debate. Revista Latino-Americana de Ciências Sociais, Infância e Juventude*, 11(2), pp. 527-46. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2013000200006&lng=en&tlng=es. Acesso em: 5 de nov. de 2018.
- Assis, N. D. P. (2014). *Problemáticos ou invisíveis: O imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes*. 110 p. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Recuperado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/336>.
- Assis, N. D. P., Aiello-Fernandes, R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Problemáticos ou invisíveis”: O imaginário coletivo de idosos sobre adolescentes. *Memorandum* (Belo Horizonte), 31, pp. 259-75.
- Assis, N. D. P., Melo, C. V., Oliveira, G. C., Carlos, H. G., Nardim, I., Nogueira, L. P., Corsetti, P. H. A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). O imaginário coletivo sobre o sofrimento da menina adolescente no filme “Bruna Surfistinha”. In: *Anais da XIV Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas e pesquisas* (pp. 343-60). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Assis, N. D. P. (2019). *“Vadias ou certinhas”*: Imaginários coletivos sobre o sofrimento de meninas adolescentes. (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP).
- Banister, P. (2011). *Qualitative methods in psychology: A research guide*. UK: McGraw-Hill Education.
- Barbosa, A. R. G., & Alvarez, D. (2016). Trabalho feminino no setor offshore na Bacia de Campos-RJ: Percepção das trabalhadoras e estratégias usadas na gestão dos tempos de vida e de trabalho. *Gestão & Produção*, 23(1), pp. 118-31. doi:10.1590/0104-530X1600-14.
- Bartky, S. L. (1990). *Femininity and domination: Studies in the phenomenology of oppression*. New York: Routledge.
- Bartky, S. L. (2002). *Simpathy and solidarity and other essays*. Laham, Maryland: Rowman & Little Field.
- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo*. (2a ed.; S. Milliet, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Original publicado em 1949).
- Berenstein, I., & Puget, J. (1997). *Lo vincular*. Buenos Aires: Paidós.
- Bercherie, P. (1980). *Histoire et structure du savoir psyquiatrique*. Belgique: Navarin.
- Bermejo, F. S. (2017). *Winnicott y la perspectiva relacional em psicoanalisis*. Canadá: Helder Editorial.
- Bleger, J. (2007). *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires: Paidós (Original publicado em 1963).
- Botelho-Borges, A. A., Barcelos, T. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Leal a si mesmo: Um diálogo com o filme “Meu tio matou um cara”. In: *Anais da XI Jornada Apoiar – Adolescência: Identidade e sofrimento na clínica social* (pp. 104-13). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

- Bourdieu, P. (1997). *A miséria do mundo* (4a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Brancaglioni, B. C. A., & Fonseca, R. M. G. S. (2016). Violência por parceiro íntimo na adolescência: Uma análise de gênero e geração. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 69(5), pp. 946-55. doi:[10.1590/0034-7167-2016-0408](https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0408).
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. In: *Análise Psicológica*, 30(3), pp. 301-13. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312012000200004&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 8 de out. de 2018.
- Brites, J. (2007). Afeto e desigualdade: Gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. *Cadernos Pagu*, (29), pp. 91-109.
- Burgess, J., & Green, J. (2009). *YouTube e a revolução digital*. São Paulo: Aleph.
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campos, C. R. F. (2016). *Perfil sociodemográfico, clínico e acadêmico de estudantes universitários que passaram por atendimento psiquiátrico no Serviço de Assistência Psicológica e Psiquiátrica ao Estudante da Universidade Estadual de Campinas (SAPPE-Unicamp) entre 2004 e 2011*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Campinas-SP). Retirado de: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321049>.
- Carvalho-Barreto, A. de. (2013). A parentalidade no ciclo de vida. *Psicologia em Estudo*, 18(1), pp. 147-56. doi:[10.1590/S1413-73722013000100015](https://doi.org/10.1590/S1413-73722013000100015).
- Chinalia, M. J. S. (2012). *Mulheres na prisão: Um estudo psicanalítico de um documentário brasileiro*. 78p. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Retirado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/300>.

- Chinalia, M. J. S. (2017). *O sofrimento emocional de mulheres presas por furtos de bagatela: Estudo psicanalítico*. 113p. (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Retirado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/950>.
- Cooper, D. (1989). *Psiquiatria e antipsiquiatria* (2a ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Corbett, E. (2014). *Contos sem fadas: Mães e filhos em situação de violência doméstica*. 2014. 146p. (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. Retirado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/462>.
- Costa, P. R., Grossi, M. P., & Macarro, M. J. M. (2017). “Não dói o útero e sim a alma”: A violência sexual que fere, que mata, que dilacera as mulheres do Brasil. *Caderno Espaço Feminino*, 29(2).
- Crenshaw, K. (2012). *A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero*. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 16 de mar. de 2017.
- Das, V. (2007). *Life and words. Violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press.
- Dávila, O., Ghiardo, F. (2012). Transições para a vida adulta: Gerações e mudanças sociais no Chile. *Na última década*, 20(37), pp. 69-83. doi:10.4067/S0718-22362012000200004.
- Dejours, C. (2014). *Souffrance en France: Banalization de l'injustice social. La Misere du Monde*. Paris: Points.
- DeLoache, J. S., & Gottlieb, A. (Eds.). (2000). *A world of babies: Imagined childcare guides for seven societies*. Cambridge: Cambridge University Press. doi:[10.1017/CBO9780511818004](https://doi.org/10.1017/CBO9780511818004).

- Denzin, N., Lincoln, Y. (1994). *The sage handbook of qualitative research*. Thousand Oaks. California: Sage Publications.
- Dowling, C. (1981). *The Cinderella complex: Women's hidden fear of independence*. New York: Pocket Books Nonfiction.
- Dussel, E., & Guillot, D. E. (1975). *Liberación latinoamericana y Emmanuel Levinas*. Buenos Aires: Editorial Bonum.
- Dutra-Thomé, L., Romera-Leme, V. B., Siqueira-Pereira, A., Garcia-Dias, A. C., Koller, S. H., & Souza-Gaião e Albuquerque, E. (2017). Fatores protetivos e de risco na transição para a vida adulta nas cinco regiões brasileiras. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 35(3), pp. 485-99. doi:10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4525.
- Ferraz, M. M.; Ferreira, F. E. C.; Gonçalves, A. F. B.; Almeida, B. P.; Bechara, G. M. R.; Lazarim, K. G., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). “Anjos do Sol”: Imaginário coletivo sobre prostituição de crianças e adolescentes. In: *Anais da XIII Jornada Apoiar – Cuidado e prevenção em saúde mental: Propostas e pesquisas* (pp. 237-46). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Flick, U. (2008). *Introdução à pesquisa qualitativa-3*. Cidade: Artmed Editora.
- Flick, U. (2012). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes*. Cidade: Penso Editora.
- Formiga, N. S. (2007). Valores humanos e sexismo ambivalente. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, 19(2), pp. 381-96. doi:10.1590/S0104-80232007000200009.
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In: *Conferências introdutórias. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, 16 (p. 343). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1900).

- Freud, S. (1996). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira*, 13 (p. 233). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911).
- Grandino, P. J. (2016). Práticas de risco entre os jovens: Estudo preliminar sobre condutas ordálicas. *Psicologia USP*, 27(1), pp. 145-52. doi:10.1590/0103-656420130047.
- Goldani, A. M. (2010). Desafios do "preconceito etário" no Brasil. *Educação e sociedade*, 31(111), pp. 411-34.
- Gonçalves, R., & Branco, C. (2011). Entrevista—Heleieth Saffioti por ela mesma: Antecedentes de “A mulher na sociedade de classes”. *Lutas sociais*. ISSN: 1415-854X, (27), pp. 70-81.
- Gonzalez, L. (1983). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: L. A. Silva et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos*. Brasília: Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 2, pp. 223-44.
- Gonzalez, L. (1988). A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. *Raça e classe*, Brasília, 5(2), p.2.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1983).
- Grun, R. (1993). Sobre envelhecimento gerencial. *Revista de administração de empresas*, 33(2), pp. 44-63.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. *Handbook of qualitative research*, 105(2), pp. 163-94.
- Guerreiro, M. D. D., & Abrantes, P. (2005). Como tornar-se adulto: Processos de transição na modernidade avançada. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20(58), pp. 157-212.
- Herrmann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: E.P.U.

- Hooks, B. (1995). Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, 3(2), pp. 464-78.
- Jenkins, H. (2015). *Cultura da convergência*. Cidade: Aleph.
- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In: Novaes, R. & Vanucchi, P. (Orgs.). *Juventude e sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Perseu Abramo.
- Kleinman, A., Das, V., & Lock, M. (1997). *Social suffering*. Los Angeles: University of Califórnia Press.
- Kublikowski, I., & Rodrigues, C. M. (2016). "Gerações canguru": Novos contextos, novas experiências. *Estudos de Psicologia*, 33(3), pp. 535-42. doi:10.1590/1982-02752016000300016.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário de psicanálise*. Lisboa: Presença. (Original publicado em 1967).
- Lévinas, E. (1972). La significación y el sentido. *Humanismom del otro hombre*, 2(13).
- Macedo, R. M. (2016). Espelho mágico: Produção e recepção de imagens de empregadas domésticas em uma telenovela brasileira. *Cadernos Pagu*, (48), doi:10.1590/18094449201600480017.
- Madalozzo, R., & Blofield, M. (2017). Como famílias de baixa renda em São Paulo conciliam trabalho e família? *Revista Estudos Feministas*, 25(1), pp. 215-40. doi:10.1590/1806-9584.2017v25n1p215.
- Mattos, E. de. (2016). A mediação semiótica da "responsabilidade": Um estudo sobre a construção de valores na transição para a vida adulta. *Psicologia USP*, 27(2), pp. 178-88. doi:10.1590/0103-6564D20160002.
- Montezi, A. V., Zia, K. P., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2011). Imaginário coletivo de professores sobre o adolescente contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, 16(2), pp. 299-305.

- Montezi, A. V., Barcelos, T. F., Ambrosio, F. F., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2013). Linha de Passe: Adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, 19, pp. 74-88.
- Moreira, A. S. P., Rodrigues, R. A. P., & Manzolli, M. C. (1996). Transições relatadas por mulher adulta: Subsídios ao modelo de adaptação humana de Schlossberg. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 4(1), pp. 177-87. doi:10.1590/S0104-11691996000100015.
- Muraro, R. M. (1991). *Os seis meses em que fui homem*. (4a ed). Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Neves, M. C. C., & Dalgalarondo, P. (2007). Transtornos mentais auto-referidos em estudantes universitários. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56(4), pp. 237-44.
- Newman, A. (2003). *As ideias de Winnicott: Um guia*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1995).
- Oliveira, M. L. C. (2009). *Caracterização sócio-demográfica, acadêmica e clínica dos estudantes atendidos no serviço de assistência psicológica e psiquiátrica ao estudante (Sappe) de 1987 a 2004*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas, Campinas-SP). Disponível em:
<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/308732>. Acesso em:
- Palar, J. V., & Silva, M. B. O. (2018). O direito como instrumento contra a opressão feminina. *Revista Direito e Práxis*, 9(2), pp. 721-48. doi:10.1590/2179-8966/2017/25258.
- Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia: A psicologia e a psicanálise*. Piracicaba: Unimep. (Original publicado em 1928).
- Ponciano, E. L. T., & Féres-Carneiro, T. (2014). Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), pp. 388-97. doi:10.1590/1678-7153.201427220.

- Pontes, M. L. S. (2011). *A hora H: O imaginário coletivo de profissionais da saúde mental sobre a adolescência*. 120 p. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Retirado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/273>.
- Queiroz, V. dos S., & Aragón, J. A. O. (2015). Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras. *Estudos Econômicos*, 45(4), pp. 787-819.
doi:10.159126p.0/0101-416145484vqj.
- Renault, E. (2010). A critical theory of social suffering. *Critical Horizons*, 11(2), pp. 221-41.
- Ricoeur, P. (1970). *Freud and philosophy: An essay on interpretation*. New Heaven: Yale University Press.
- Ribeiro, C. A. C. (2014). Desigualdades nas transições para uma vida adulta no Brasil (1996 e 2008). *Sociologia & Antropologia*, 4(2), pp. 433-73. doi:10.1590/2238-38752014v426.
- Sas, S. A. (2004). L'interprétation dans le trans-subjectif: Réflexions sur l'ambiguïté et les espaces psychiques. *Psychothérapies*. 24(4), pp. 207-13.
- Sas, S. A. (2002). Situations sociales traumatiques et processus de la cure. *Dans revue française de psychanalyse*, 66(3), pp. 923-33.
- Santos, J. K. C. (2010). *Quebrando as correntes invisíveis: Uma análise crítica do trabalho doméstico no Brasil*. 120p. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília). Retirado de: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/8484>.
- Schulte, A. A. (2016). *Maternidade contemporânea como sofrimento social em blogs brasileiros*. 122p. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Retirado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/892>.

- Schulte, A. A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). Postagens em blogs pessoais: Aproximação do acontecer humano em pesquisas psicanalíticas. *Psicologia Revista*, 25(2), pp. 227-41. Retirado de:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/30138>.
- Schulte, A. A., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Mãe brasileira trabalhando no exterior: Considerações preliminares. In: L. S. D. P. C. Tardivo. *O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pp. 286-305.
- Schulte, A. A., Gallo-Belluzzo, S. R., Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2018). A experiência emocional de autoras de *mommy blogs*. In: *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina: no prelo.
- Scott, J. W. (1986). "Gender: A useful category of historical analysis". *The American Historical Review*, 91(5), pp. 1053-75.
- Scott, R. P. (2001). Quase adulta, quase velha: Por que antecipar as fases do ciclo vital? *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 5(8), pp. 61-72. doi:10.1590/S1414-32832001000100005.
- Silva, G. R. A., Miranda, B. F., Oliveira, G. C., Santa Barbara, L. B., Gonçalves, N. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). "Invisível para você: Vida amorosa da menina adolescente em um curta metragem brasileiro. In: L. S. D. P. C. Tardivo. *O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pp. 395-400.
- Singer, A. (2011). *Realinhamento eleitoral e mudança política no Brasil*. (Livre Docência, Universidade de São Paulo, Brasil).

- Stocker, P. C., & Dalmaso, S. C. (2016). Uma questão de gênero: Ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. *Revista Estudos Feministas*, 24(3), pp. 679-90.
doi:10.1590/1806-9584-2016v24n3p679.
- Sousa, R. (2017). Cultura do estupro – A prática implícita de incitação à violência sexual contra mulheres. *Estudos Feministas*, 25(1), pp. 9-29. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/48512/33659>. Acesso em:
- Souza, J. (2009). *A ralé brasileira: Quem é e como vive*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Tachibana, M., Montezi, A. V., Barcelos, T. F., Sirota, A., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2015). Who are the teenagers of today? Collective imaginary of brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, 5(1), pp. 47-9.
- Teixeira, J. C., Saraiva, L. A. S., & Carrieri, A. P. (2015). Os lugares das empregadas domésticas. *Organizações & Sociedade*, 22(72), pp. 161-78.
- Thompson, M. G. (1999). The heart of the matter: Laing's enigmatic relationship with psychoanalysis. *The Humanistic Psychologist*, 27(1), pp. 51-79.
- Turato Ribeiro, E. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1).
- Vieira, A., & Amaral, G. A. (2013). A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. *Saúde e Sociedade*, 22(2), pp. 403-14. doi:10.1590/S0104-12902013000200012.
- Vieira, J. M. (2008). Transição para a vida adulta no Brasil: Análise comparada entre 1970 e 2000. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 25(1), pp. 27-48.
doi:10.1590/S0102-30982008000100003.
- Vieira, E. M., Bousquat, A., Barros, C. R. dos S., & Alves, M. C. G. P. (2017). Gravidez na adolescência e transição para a vida adulta em jovens usuários do SUS. *Revista de Saúde Pública*, 51(25). Epub. doi:10.1590/s1518-8787.2017051006528.

- Visintin, C. D. N. (2016). *Maternidade e sofrimento social estudo de mommy blogs*. 111p. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP). Recuperado de: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/895>.
- Visintin, C. D. N., Paulo, F. M., Sampaio, J. P., Pereira, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2016). “Que horas ela volta?”: Investigando psicanaliticamente o imaginário coletivo sobre a maternidade. In: *Anais da 14ª Jornada Apoiar Saúde Mental e Interdisciplinaridade: Propostas e Pesquisas*, pp. 269-378. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Maternidade e sofrimento social em *mommy blogs* brasileiros. *Psicologia: Teoria e prática*, 19(2).
- Visintin, C. D. N., Assis, N. D. P., Sampaio, J. P., Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). “Cantamos, logo existimos” - Estudo psicanalítico sobre o filme “Antônia”. In: L. S. D. P. C., Tardivo. *O procedimento de desenhos-estórias na clínica e na pesquisa: 45 anos de percurso*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pp. 306-18.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*, p. 208. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1982). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2000). *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1945).
- Winnicott, D. W. (1968). Sobre “O Uso de um objeto”. Ilustração clínica de o Uso de um objeto. In: Winnicott, C. (Org.). *Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, pp. 183-5.

- Winnicott, D. W., & Cipolla, M. B. (2001). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1960).
- Xavier, A., Nunes, A. I. B. L., Santos, M. S. (2008). Subjetividade e sofrimento psíquico na formação do Sujeito na Universidade. In: *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 8(2), pp. 427-51.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. (1a ed.). Curitiba: Appris.
- Zanello, V.; Sileva, R. M. (2012). Saúde mental, gênero e violência estrutural. *Revista Bioética*, 20(2), pp. 267-79.
- Zanello, V.; Porto, M. (Orgs.). (2016). Aborto e (não) desejo de maternidade(s): Questões para a psicologia. Brasília: *Conselho Federal de Psicologia*, 175p. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/publicacoes/livros/page/2/>. Acesso em: 20 set. 2018.

Apêndice

A Tabela A1 traz o registro das palavras-chave dos 32 artigos que compõem a revisão de Carvalho-Barreto (2013) e comunica se há menção nestes artigos sobre transição para a vida adulta e gênero.

Tabela A 1

Artigos e palavras-chave dos artigos de revisão

Artigo	Autor	Palavras-chave	TVA	Gênero
1	Gondin, A. K. (2008)	Adoção; adoção criança; motivos	Não	Não
2	Otura, L. K. (2009)	Adoção; famílias adotivas; filhos adotivos; literatura revisão	Não	Não
3	Santos, M. A. (2003)	Adoção; parentalidade; avaliação psicológica; vulnerabilidade; fatores de risco	Não	Não
4	Futino, R. S. (2006)	Adoção; criança; homoparentalidade; homossexualidade	Não	Não
5	Schettini, S. S. M. (2006)	Adoção; identidade; diferença	Não	Não
6	Lazzari, J. M. W. (2008)	Psicodiagnóstico interventivo; avaliação psicológica; mudança	Não	Não
7	Bem, L. A. (2006)	Família com baixo nível socioeconômico; parentalidade; práticas educativas	Não	Não
8	Yunes, M. A. M. (2007)	Resiliência; famílias monoparentais e de baixa renda; agentes comunitários de saúde; crenças sobre pobreza	Não	Não
9	Silva, M. F. (2007)	Prisão; pais presidiários; vínculos; desenvolvimento	Não	Não
10	Moreira, P. L. (2008)	Mães; relações mães-filhos; oncologia, enfermagem pediátrica	Não	Não
11	Benghozi, P. (2001)	Trauma; resiliência; laço; violência	Não	Não

12	Maltz, R. S. (2008)	Parentalidade; poder; violência; filicídio; interdisciplinariedade	Não	Não
13	Uziel, A. P. (2006)	Conjugalidade; movimento homossexual; parceria civil; parentalidade	Não	Não
14	Rodriguez, B. C. (2009)	Homoparentalidade; família; papéis parentais	Não	Não
15	Perelson, S. (2006)	Homoparentalidade; reprodução; filiação	Não	Não
16	Lowenkron, A. M. (2001)	Artigo não encontrado on- line - Revista Brasileira de Psicanálise	-	-
17	Faria, D. L. (2007)	Paternidade; adolescência; individuação; Jung; arquétipos	Não	Não
18	Vargas, E. P. (2010)	Direitos sexuais; reprodutivos; relações familiares; núcleo familiar; características da família; valores sociais; antropologia cultural	Não	Não
19	Hernandez, J. A. E. (2008)	Gravidez; papéis sexuais; transição para a parentalidade; ajustamento conjugal; ajustamento emocional [neuroticismo]	Sim	Sim
20	Perucchi, J. (2007)	Paternidade; parentalidade; mulheres chefes de família	Sim	Sim
21	Passos, M. C. (2007)	Família; parentalidade; laços afetivos; individualismo; subjetividade	Não	Não
22	Brasileiro, R. F. (2002)	Conflito (psicologia); família; identidade de gênero; casamento; relações pais-filhos	Sim	Sim
23	Menezes, C. C. (2007)	Relação conjugal; transição para a parentalidade; nascimento do primeiro filho	Não	Não
24	Navarro, F. R. (2007)	Artigo não encontrado on-line	-	-
25	Marty, F. (2004)	Artigo não encontrado - psicanálise	-	-
26	Carvalho, G. M. (2009)	Adolescente; gravidez na adolescência; pesquisa qualitativa; enfermagem obstétrica	Não	Não
27	Brito, L. M. T. (2007)	Parentalidade; separação conjugal; divórcio; psicologia jurídica	Sim	Não
28	Kunrath, L. H. (2006)	Pais de crianças com TDH/A; estratégias educativas	Não	Não

29	Silveira, L. M. O. B. (2005)	Práticas educativas; adolescente; adolescência; parentalidade	Não	Não
30	Amazonas, M. C. L. A. (2006)	Família; parentalidade; subjetivação infantil	Não	Não
31	Moro, M. R. (2005)	Parentalidade; bebê; interações pais-filhos; consultas terapêuticas; trans-cultural; etno-psicanálise	Não	Não
32	França, R. P. (2008)	Artigo não encontrado – Revista Brasileira de Psicanálise	-	-